

\*\*\*\*HACKEADA\*\*\*\*



Instituto de Artes – IdA

Departamento de Artes Visuais – VIS

Bacharelado em Artes Visuais

MAYARA TRINDADE VILLENA

\*HACKEADA\*

Brasília - DF, 2022

MAYARA TRINDADE VILLENA

AYA

\*HACKEADA\*

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais,  
habilitação em Bacharelado, do Departamento  
de Artes Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cinara Barbosa

Brasília - DF, 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TM467\*H Trindade Villena, Mayara  
ACK\* \*HACKEADA\* / Mayara Trindade Villena; orientador Cinara  
Barbosa de Sousa. -- Brasília, 2022.  
77 p.

Monografia (Graduação - Bacharel em Artes Visuais) --  
Universidade de Brasília, 2022.

1. Caos. 2. Representação . 3. Organização . 4. Hackear .  
5. Pixo . I. Barbosa de Sousa, Cinara, orient. II. Título.

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Artes – IdA

Departamento de Artes Visuais – VIS

Bacharelado

Banca examinadora composta por:

Prof. Dra. Cinara Barbosa de Sousa (Orientadora)

Profa. Dra. Luisa Günther Rosa

Profa. Msc. Raquel Nava Rodrigues

**VILLENA, Mayara Trindade**

**\*HACKEADA\***

**TCC (Bacharel em Artes Visuais) – Universidade de Brasília,  
Brasília, 2022. Orientador: Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa**

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.

Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900.

Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Artes – IdA  
Departamento de Artes Visuais – VIS  
Bacharelado em Artes Visuais

MAYARA TRINDADE VILLENA

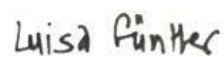
**\*HACKEADA\***

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dra. Cinara Barbosa de Sousa – VIS/UnB  
Presidente da Banca e Orientadora



---

Profa. Dra. Luisa Günther Rosa – VIS/UnB  
Membro Interno



---

Profa. Msc. Raquel Nava Rodrigues  
Membro Externo

Dedico à Ivani Divina Trindade Villena e à Jorge Araujo Villena.  
Com amor e gratidão ao quanto se doaram para que eu me tornasse  
exatamente quem escreve as linhas desse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Em caminhos tortuosos, caóticos e turbulentos, assim como os caminhos desse trabalho, sou grata primeiramente aos meus guias e meus mentores espirituais. Sou grata imensamente aqueles que não se fazem mais presentes entre nós materialmente, meus avós, Ivani e Jorge, que me criaram de forma tão livre que esbarrei em quem sou hoje. E, que desse modo, a posteriori, me permitiram estudar artes, me deslumbrar e me frustrar em meu livre arbítrio, nessa descoberta mútua, acharam maluquice quando pinte com sangue de menstruação e bonito quando pinte com tinta acrílica telas abstratas e coloridas.

Sou grata a minha mãe Alessandra, que segue sendo minha melhor amiga, escutando meus excessos e dramas, e me dando força em todos os meus processos. Agradeço também meu irmão e amigo Yago, que torna tanto possível para além do que acredito e consigo sozinha, e minha tia Andréia que influenciou fortemente minha relação com os estudos e com as artes em um primeiro contato. Agradeço ao meu amigo e confidente Albert Malta *aka*. RAT, que acompanha todos meus processos mentais, sentimentais, espirituais, materiais e artísticos.

Agradeço ao professor Christus Nóbrega, que despertou centelhas do meu trabalho quando nem eu mesma o conseguia ver. Ao meu primeiro orientador Gregório Soares, que me deu caminhos para “arrumar a bagunça da casa”, que teve paciência e respeitou meu tempo desmedido, vagaroso e atrasado, às professoras Cinara Barbosa, Denise Camargo, Karina Dias e Luisa Günther, que me influenciaram e inspiraram tanto durante toda a minha graduação, e, que para mim, e acredito que, para tantas outras são referências de mulheres fortes e admiráveis não só no campo das artes. Em especial, sou grata à professora Cinara Barbosa e também orientadora desse trabalho, que acompanha meu processo artístico com tanta fé e mergulho, que me permite ser espontânea e íntegra a mim mesma para além de hierarquias ou conveniências sociais, a liberdade e o empoderamento que a mesma me proporciona me permitiu ser sincera em cada nuance desse trabalho. Sou grata também a todos aqueles que me escutaram, me poliram e compartilharam experiências e conhecimentos durante toda minha vivência somada à processos artísticos, certamente esse trabalho não existiria sem todes. Sendo assim grata à vida e as trocas intensas que o viver me proporciona.



## **RESUMO**

O presente trabalho busca, investigar diversos sentidos simbólicos daquilo que sou: mulher, negra e periférica. Vivências essas que invadem a produção artística a partir de organizações não lineares, é uma forma deste trabalho comentar sobre as maneiras de existir, de acessar lugares e realidades não projetadas para meu corpus.

Palavras-chave: caos; organização; representação; hackear; pixo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paisagem de linha de metrô .....	18
Figura 2 – Quarto de artista na Ceilândia Sul .....	18
Figura 3 – Material de anotação e organização de artista .....	21
Figura 4 – CIDADE CINZA, técnica mista sobre madeira, 30 cm x 30 cm, 2021 .....	22
Figura 5 – Piso quebrado .....	24
Figura 6 – Estação de metrô Praça do Relógio .....	24
Figura 7 – Mosca morta .....	24
Figura 8 – Pombo na Universidade de Brasília .....	24
Figura 9 – Chão e grade .....	24
Figura 10 – Registro de pixação, Foto: Ravena Dantas .....	24
Figura 11 – Parada de ônibus na Asa Norte .....	25
Figura 12 – Prédio no Setor Comercial Sul .....	25
Figura 13 – Pixação + não par de tênis na Asa Sul .....	25
Figura 14 – Cuspe no chão .....	25
Figura 15 – Prédio em Taguatinga Norte .....	26
Figura 16 – Caixa de energia na UnB .....	26
Figura 17 – Controles em vitrine de loja em Taguatinga Centro .....	26
Figura 18 – Maurício, Taguatinga Norte, 6 de julho de 2019 .....	26
Figura 19 – Tomada e carregadores .....	27
Figura 20 – Lixeiras em Taguatinga Norte .....	27
Figura 21 – Homem com placa: FALTA EMPREGO LOTA PRISÃO .....	27
Figura 22 – Bandeira anarquista .....	27
Figura 23 – Homem acenando para a fotografia .....	27
Figura 24 – Díptico sem título, técnica mista, aproximadamente 46 cm x 37 cm, 2021 .....	28

Figura 25 – Escrito sobre papel fotográfico, 7 cm x 15 cm. Parte do trabalho [            ] .....	31
Figura 26 – [            ], trabalho final da matéria de Ateliê I. São recortes fotográficos e trechos dos meus cadernos de anotações que conversam entre si, formando uma espécie de mapa mental, em suporte de arame. ....	32
Figura 27 – Estudo de <i>tag</i> sobre papel .....	34
Figura 28 – <i>Tag</i> de canetão na cidade .....	35
Figura 29 – <i>Tag</i> sobre adesivo fotográfico em banheiro de bar (fotografias de minha autoria) .....	35
Figura 30 – Três prints screen dos storys do Instagram .....	39
Figura 31 – Print screen de post no Twitter .....	41
Figura 32 – Material de anotação e organização de artista .....	43
Figura 33 – SANGUE FRIO 2, técnica mista, 21 cm x 26 cm, 2021. ....	44
Figura 34 – CAIXA DE FOGO, fotografia em caixa de fósforo, fotografia: Albert Malta aka. RAT, performer: Aya Villena, direção de arte: Aya Villena, modelo de mão: Kelea Bastet, 4,5 cm x 3,5 cm x 1,5 cm, 2021 .....	45
Figura 35 – ORAÇÃO, 33 cm x 37 cm, 2021 .....	46
Figura 36 – Rolos de arame dispostos na casa – posição 1: emaranhado; posição 2: circular; posição 3: suspenso .....	49
Figura 37 – Peça do tríptico CÃO CAO-S .....	50
Figura 38 – Peça do tríptico CÃO CAO-S .....	51
Figura 39 – Peça do tríptico CÃO CAO-S .....	51
Figura 40 – Instalação CÃO CAO-S, impressão de gravuras sobre papel jornal, spray sobre madeirite, giroflex, 260 cm x 110 cm x 280 cm, 2021, na Galeria deCurators. Foto: Mateus Lucena .....	52
Figura 41 – Objeto 1: coleção de baratas em instalação CÃO CAO-S .....	53
Figura 42 – Objeto 1: baratas em recipiente plástico .....	53
Figura 43 – Objeto 2: pétalas de rosas em recipiente acrílico .....	53
Figura 44 – Material de anotação e organização de artista .....	56
Figura 45 – Print screen de post no Twitter .....	56
Figura 46 – Pixos em lugar secreto .....	57
Figura 47 – Caminhão pixado .....	57
Figura 48 – “ODEIO VANDALO II”, 10 cm x 15 cm, técnica mista, colagem digital e interferência de canetão, 2018 .....	57

Figura 49 – Local abandonado na Asa Sul, 201	57
Figura 50 – Alfabeto rúnico	60
Figura 51 – Dor compartilhada, acrílica sobre tela, 152 cm x 100 cm, 2017	62
Figura 52 – Registro do processo de produção de “Dor compartilhada”	62
Figura 53 – AYA SEM TÍTULO 1, acrílica sobre tela, 170 cm x 100 cm, 2017	62
Figura 54 – Registro do processo de produção de “AYA SEM TÍTULO 1”	62
Figura 55 – Scan de estudo de formas	63
Figura 56 – Quatro imagens de zoom da pintura “HACKEADA”	65
Figura 57 – Duas imagens de zoom da pintura “AYA SEM TÍTULO 1”	65
Figura 58 – Duas imagens de zoom da pintura “AYA SEM TÍTULO 3”	66
Figura 59 – Duas imagens de zoom das pinturas “AYA SEM TÍTULO 1 e 3”	66
Figura 60 – Pintura sem título, 20 cm x 27 cm, 2022	67
Figura 61 – Pintura “HACKEADA” antes e depois do atropelo com <i>lettering</i>	67
Figura 62 – Recortes da pintura “HACKEADA”	69
Figura 63 – HACKEADA, pintura sobre corpo. Foto: Daniel Roberto	70

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. A CIDADE .....	16
1.2 MOVIMENTO PENDULAR .....	19
2. A MULHER .....	30
2.2 CAOS .....	33
2.3 TAG .....	34
2.4 EGO – ou requisição de enunciação .....	36
2.5 SEXUALIZAÇÃO – a mulher e seu corpo .....	41
3. A ARTISTA .....	47
3.1 ARTE .....	48
3.2 LENTIDÃO .....	54
3.3 DA PREGUIÇA À RAIVA – o MOVIMENTO DO PIXO .....	54
3.4 PRESSA .....	55
3.5 PIXO .....	56
3.6 REPRESENTAÇÃO HACHEADA .....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
REFERÊNCIAS .....	74
NOTA FINAL .....	77

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte da exposição “AYA POR FAVOR!”, que aconteceu no dia 13 de novembro no Espaço +Flor, localizado em Taguatinga Norte, Brasília. A exposição reuniu grande parte da minha produção realizada durante esta graduação que, com esse trabalho, concludo.

Ao reunir minha produção para organização da minha primeira exposição individual, algumas percepções não estavam totalmente identificadas. Embora todas as obras já estivessem construídas, foi após mergulhos profundos no trabalho e algumas conversas edificadoras com a orientadora dessa pesquisa, Cinara Barbosa, que se tornaram perceptíveis três eixos latentes no trabalho: a cidade, a mulher, e a artista.

A partir de tentativas de entender e organizar o trabalho, percebo que a produção tomou caminhos para além do que eu conseguia racionalizar durante os modos do fazer ou, melhor, da prática artística. Em meio a todos os processos, sempre que busco

reconhecer os caminhos da minha produção esbarro em um objeto em comum: eu, eu mesma, eu e o que se sente, o que se vê, o que se vive. Depois de afiar algumas arestas entendo que esse é “o meu grande motivo”, o meu foco de investigação dessas pesquisas artísticas também está relacionado ao eu simbólico, que desagua em questões identitárias, autobiográficas e de representação.

‘HACKEADA’ é uma expressão que surgiu durante uma das conversas com minha orientadora, a profa. Cinara Barbosa. ‘Hackear’ é um termo que uso frequentemente, para exprimir uma espécie de: “dominar de forma sigilosa”. Hackear é um processo de invasão de computadores de forma ilegal, sendo possível invadir, modificar e roubar permanentemente informações. O verbo sai do universo computadorizado e funciona como analogia de um verbo de ação nas interações humanas, sendo o cérebro uma espécie de computador. Eu posso invadir a sua mente e te hackear, “te dominar de forma sigilosa”, te modificar permanentemente.

Este trabalho é pensado a partir deste princípio, de um processo de hackeamento. Coloca em questão modificações das

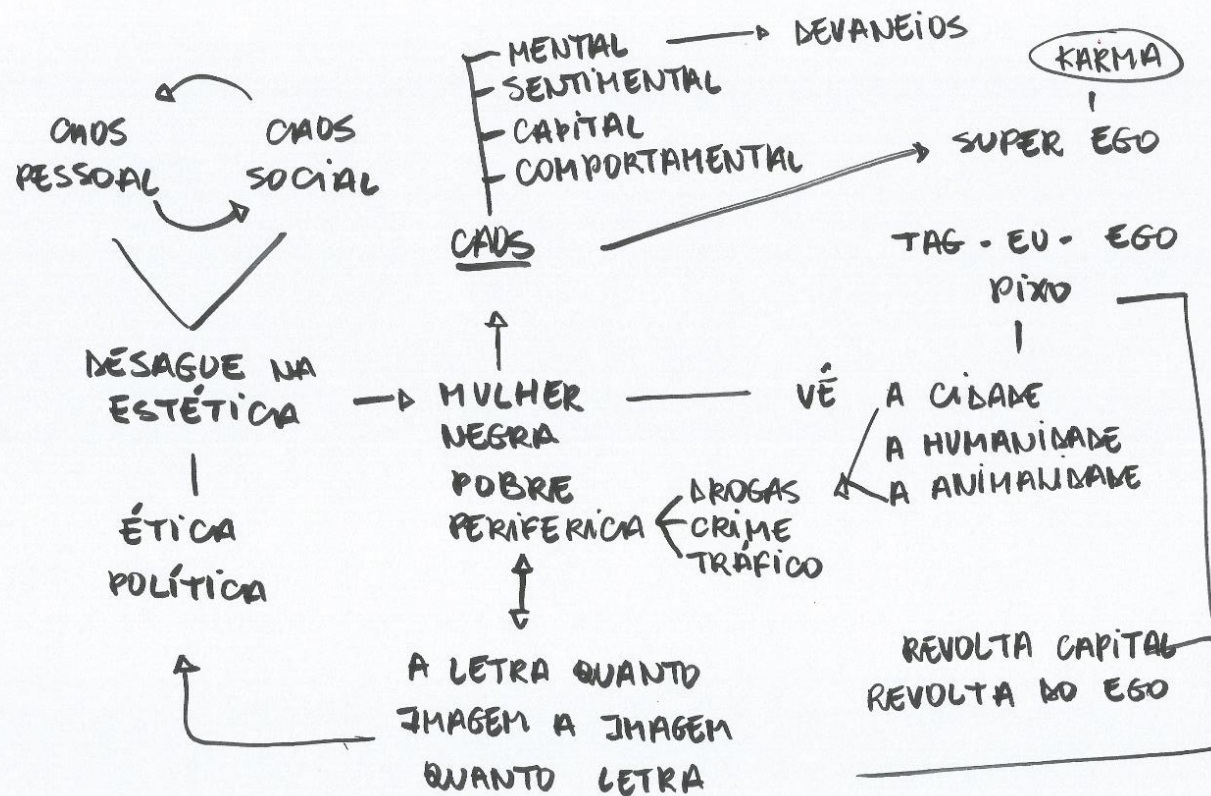
estruturas sistematológicas impostas sobre meu corpo e sobre minha história. Sendo o hacker uma espécie de espião e de invasor, trago o termo hackeada como quem sofreu o processo de hackeamento do sistema [sistema capitalista, patriarcal, falocêntrico, racista e tudo que degenera existências]. Assim, fui invadida de forma permanente, por todos esses espectros impostos sobre meu corpo. Fui hackeada! Fui hackeada? Porém sigo hackeando, como quem está disfarçadamente sigilosa para hackear e invadir espaços nos quais o meu corpus não foi projetado para estar.

Nesse trabalho farei uso de algumas especificidades na escrita, como: 1. o uso de colchetes, para simbolizar um recorte de pensamento; 2. uso de asteriscos (\*), um ou mais após a palavra ou expressão, para simbolizar a intenção de corrigir uma palavra, ou uma expressão, imitando a forma de correção de escrita nas redes sociais; 3. uso de uma quantidade quase incontável de dois pontos (: :: :: ::) com a intenção de exprimir exagero na vontade de demonstração do assunto seguinte; 4. o uso de caixa alta ou “CAPS LOCK” para fazer analogia as letras em “caixa alta” do pixo; ou para

demonstrar exagero, com intenção de chamar atenção do leitor; 5. a escrita da palavra “pixo” segue necessariamente com X, sendo a escrita fora da ortográfica dita correta segundo a língua portuguesa, se refere a forma de nomear a pixação de rua com letras estilizadas; 6. os asteriscos (\*\*\*\*) presentes no título desse trabalho, fazem citação a forma de escrita computadorizada, na qual para fazer negrito se coloca a palavra entre \*asteriscos\*, e também, como citação, a especificidade do universo da pixação na qual usa-se “símbolos” para “fechar” o inscrito, seja esses símbolos, asteriscos, aspas, ou um símbolo de escolha pessoal.

Além dos códigos dessa escrita hackeada, cada capítulo desse trabalho começa com um mapa mental de abertura. As notas e as palavras são uma espécie de escrita visual. Como imagem ajudam a perceber a ramificação das diversas questões que abrem o pensamento sobre muitos espectros que englobam não só cada capítulo, mas a própria maneira da construção hackeada deste trabalho.

1. A CIDADE





Ceilândia Sul – Chaparral – Taguatinga \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Centro de Brasília – Plano Piloto – L2 Norte  
 \_\_\_\_\_ Taguatinga –  
 Chaparral – Ceilândia Sul – Chaparral – Taguatinga \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Centro de Brasília – Plano Piloto – L2  
 Norte \_\_\_\_\_ Taguatinga  
 – Chaparral – Ceilândia Sul \_\_\_\_\_

Cresci na Ceilândia. Ali na beirinha, de frente para via Estádio, do lado da Chaparral, [quando eu fui no Rio de Janeiro conheciam a Chaparral, me perguntaram se era “pesado” mesmo, periferia, né? não tem essa, tudo igual, mas diferente]. Eu sempre falei que morava perto da Chaparral, já que eu morava na última quadra da Ceilândia, tinha gente que falava que nem era Ceilândia mais, como se isso mudasse a vivência, [o que eu vi e ouvi por lá, e mudou, porque eu estava ali quase no ‘meiozinho’, na divisa Ceilândia/Taguatinga]. Em Taguatinga sempre teve tudo, muitos ônibus, loja de tudo que se imaginar. É tipo o centro daqui. Eu vivia por lá, Taguatinga construiu

muito do meu cenário visual de imagens durante toda minha infância e adolescência.

Quando passei na Universidade de Brasília, eu comecei ir para o Plano Piloto com frequência. Antes eu devo ter ido nos passeios de escola e quando minha madrinha me levava na Torre de TV. Minha sorte é que ali na Chaparral, de frente para a via Estádio, tem uma estação de metrô, a Estação Centro Metropolitano, me livrou dos engarrafamentos no horário de pico, me poupou alguns ‘stress’ durante anos de faculdade, [mas horário de pico nunca é assim tão ‘zen’, né? teve uma vez que minha bolsa ficou do lado de fora do metrô de tão cheio, o metrô andou com minha bolsa de fora, hoje acho isso engraçado...]

Nessa de me deslocar na cidade, as imagens sempre me saltavam os olhos. A pulsão do registro se postergou por anos de graduação, e esses mesmos registros estão presentes nesse trabalho, como um diário visual, por ora uma espécie de mapa mental visual. Fotografias que fiz durante minhas viagens na cidade,

fotografias essas que são como uma curadoria dos espaços que estive e que paralelamente contaminou e contamina minha produção artística. Posteriormente os mesmos registros se rearranjam, em dípticos, trípticos e colagens, de espaços e tempos diferentes.

Figura 1 – Paisagem de linha de metrô



Figura 2 – Quarto de artista na Ceilândia Sul



Ceilândia Sul – Chaparral – Taguatinga \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ Centro de Brasília – Plano Piloto – L2 Norte  
 \_\_\_\_\_ Taguatinga –  
 Chaparral – Ceilândia Sul – Chaparral – Taguatinga \_\_\_\_\_

## 1.2 MOVIMENTO PENDULAR

Do sul da Ceilândia ao centro de Brasília. Como se obrigatoriamente eu precisasse estar no centro, a vida acontece lá, no meio, se bem que ‘meio’ é perspectiva. No meio da onde? Do quê? Será que todo centro é no meio??? O centro é parte fundamental da geometria, disposições de espaço, geografia da cidade. O que está dentro e o que está fora do centro? Se tem centro, tem borda. As bordas do centro, as periferias. Será que todas as periferias estão realmente nas bordas do centro?

Ceilândia está do lado de outras periferias: Samambaia, Taguatinga, [se for mais para trás, sentido oeste a gente chega até nas periferias do Goiás]. Do Centro de Taguatinga tem ônibus para quase todas as periferias do Goiás, fora as periferias daqui.

Taguatinga é tipo o centro. E eu estava lá entre Ceilândia-Taguatinga, na divisa, na fronteira. Estava de lá, agora estou de cá [morava na ci e agora moro em taguá], mas se eu subo [ou desço] algumas poucas quadras já estou de lá de novo. Mas para o centro de Brasília tem mais chão.

Todo mundo fala do metrô de Brasília, que é só uma linha reta, da Ceilândia para o “Centro”, [Centro de Brasília, Centro de Taguatinga, Centro de Ceilândia]. De uma ponta há outra. Ali na divisa Ceilândia-Taguatinga: Chaparral, tinha a tal estação de metrô da sorte, a Estação Centro Metropolitano. Esse nome surgiu para aquela região anos atrás, “Centro Metropolitano”, passaram anos e eu não entendi sobre o que se tratava esse novo centro, acho que queriam apagar o nome “Chaparral”. Imagine: Estação Chaparral [chapa um brown, um brau].

A gente brinca, mas o transporte público não é brincadeira! Eu tinha a sorte do metrô, ao menos economizava tempo de trânsito, em contrapartida horário de pico... “tu vira sardinha”. Sorte de quem entra no vagão nas primeiras estações da Ceilândia [ou nas últimas].

Uma vez me falaram que o metrô de Brasília é uma linha reta para levar ‘a galera’ da Ceilândia para trabalhar no centro. Integração. ‘A galera’ de todas as outras ‘perifas’ perto de Ceilândia começaram a pegar um ônibus até o metrô, e então, pegar o metrô para o centro. Todos a caminho do centro.

Esse deslocamento, da maior parcela da população periférica, sempre estar a caminho do centro, dá ênfase à segregação espacial da cidade, à segregação do pobre e à formação de uma “região moral”.

Região moral é basicamente uma região no qual prevalece costumes éticos-morais de uma dada comunidade concentrada em uma região com suas especificidades. “Contudo, a ideia de região moral está relacionada a uma leitura espacializada das questões identitárias da cidade” (Ponto Urbe, 2019, p.3), a partir do contexto urbano. Dessa forma, de diferentes perspectivas as periferias se trata de regiões morais, onde a comunidade se desenvolve formando costumes culturais, éticos, morais, identitários e de representatividade, dando visão a comunidade e suas organizações

singulares. Segundo Otávio Guilherme Velho apontando o pensamento de Robert Ezra Park sobre o conceito de “região moral”:

“...um lugar ou uma sociedade que é necessariamente ou criminosa ou anormal. Antes, ela foi proposta para se aplicar a regiões onde prevaleça um código moral divergente, por ser uma região em que as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem suas raízes diretamente na natureza original do indivíduo.” (VELHO, 1967, p. 65)

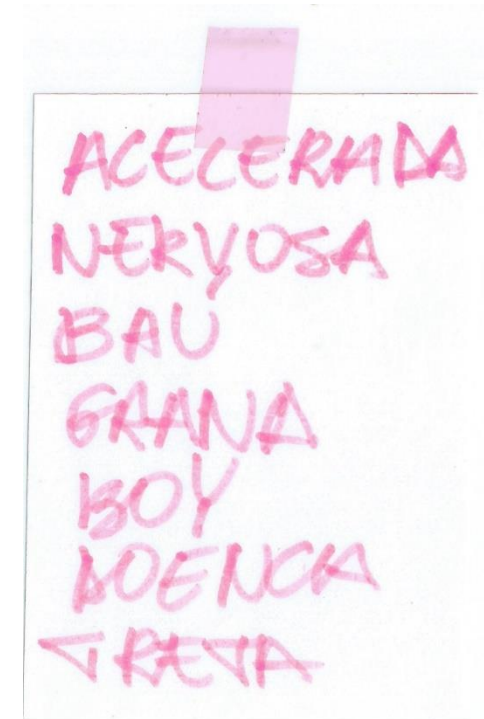
A formação da “região moral” nas periferias cria um certo estigma sobre a comunidade, ideias de segurança e violência são postas como dominadora dos adjetivos, o que alimenta não só a segregação geográfica da cidade, mas também a segregação ético-moral das pessoas periféricas.

Durante anos de universidade conheci muitas pessoas que nem sequer tinham pisado na Ceilândia, algumas não sabiam nem mesmo a direção, mas os questionamentos eram sempre os

mesmos, sobre a marginalidade presente na região, como se isso definisse tudo presente no tempo e espaço periférico.

Acredito que todos que começam a sair das periferias e ir para o “centro” da cidade se deslumbram, se perdem, é como ir para uma cidade nova. Nos primeiros anos de universidade a cidade era um mistério. Muitas coisas para se desvendar, as linhas de ônibus, as quadras da Asa Sul e da Asa Norte, demorei para entender tudo, [até hoje eu ainda não entendo muito bem, mas no meio dessa saga de me mover na cidade também havia muito a ser visto, plantas, janelas, fachadas, paredes...]

Figura 3 – Material de anotação e organização de artista



De certa forma é disso tudo que vem “CIDADE CINZA”. Feita de pintura em spray, sobreposta com tinta acrílica, colagem, raspagem, instalação de plástico [material que habitualmente é descartado] e escrita com pincel atômico. Faz presente a

representação da cidade, de fundo rosa e sobre posição de laranja. O cinza que trago no título faz analogia à visão cinza da cidade [eu diria: sentimento do cinza, sensação do cinza, mas se bem que a cidade é meio cinza mesmo, cinza na fumaça dos carros, cinza na poluição do céu, cinza dos corpos mortos, às vezes os corpos mortos ainda estão vivos...]

“CIDADE CINZA”, em caixa alta ou ‘*capslock*’ é uma referência ao ‘*lettering*’<sup>1</sup> do pixo.

Figura 4 – CIDADE CINZA, técnica mista sobre madeira, 30 cm x 30 cm, 2021



[DE ONDE NÃO TEM TONS PASTEIS, AQUI É TUDO TERROZO E CINZA]

---

<sup>1</sup> *Lettering*: estudo da forma da letra

[MONOCROMÁTICO QUE SUJA]

Figura 5 – Piso quebrado

Figura 6 – Estação de metrô Praça do Relógio

Figura 7 – Mosca morta

Figura 8 – Pombo na Universidade de Brasília

Figura 9 – Chão e grade

Figura 10 – Registro de pixação, Foto: Ravena Dantas





Figura 11 – Parada de ônibus na Asa Norte

Figura 12 – Prédio no Setor Comercial Sul

Figura 13 – Pixação + não par de tênis na Asa Sul

Figura 14 – Cuspe no chão

11



12



13



14



15



16



17



18



Figura 15 – Prédio em Taguatinga Norte

Figura 16 – Caixa de energia na UnB

Figura 17 – Controles em vitrine de loja em Taguatinga Centro

Figura 18 – Maurício, Taguatinga Norte, 6 de julho de 2019

Figura 19 – Tomada e carregadores

Figura 20 – Lixeiras em Taguatinga Norte

Figura 21 – Homem com placa: FALTA EMPREGO LOTA PRISÃO

Figura 22 – Bandeira anarquista

Figura 23 – Homem acenando para a fotografia

19



20



21



22

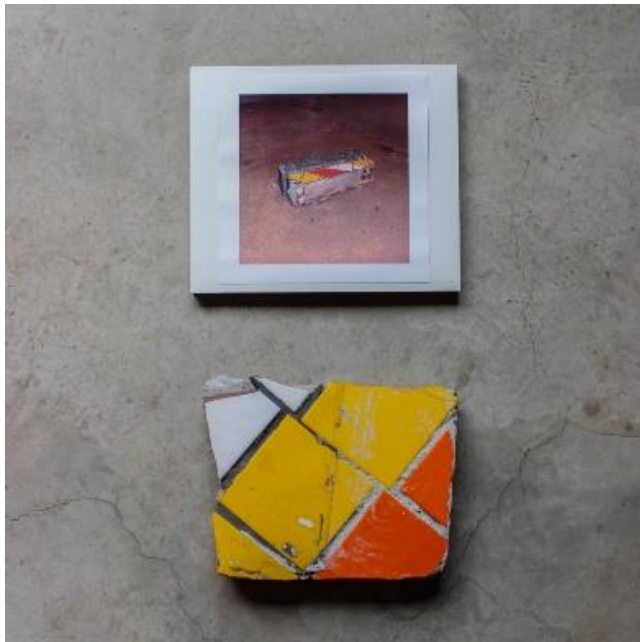


23



Nos últimos anos somente fotografar a cidade, ou alguma especificidade da cidade, já não me bastava, até que comecei um trabalho de coleta de objetos que vêm invadindo minha produção. Assim como nesse díptico que ainda não dei nome:::

Figura 24 – Díptico sem título, técnica mista, aproximadamente 46 cm x 37 cm, 2021



Cidade faz barulho né? Eu odeio escutar essa barulheira [chiadeira de capitalismo]: carros, buzinas, gritaria, por ora fofoca, por ora abuso... Ninguém sobrevive na cidade sem fones de ouvidos, [pelo menos eu não]. Há música por toda parte, inclusive aqui, nesse trabalho escrito. Os recortes de versos de músicas, que sempre estão nos meus fones e influenciam fortemente meu processo artístico, também trago como citações.

Desde bem nova o Rap Nacional chama a atenção dos meus ouvidos, a partir da adolescência começou ser o estilo musical no qual mais escuto, para além dos '*beats*'<sup>2</sup> cheios de grave: '*boombap*'<sup>3</sup>, '*trap, drill e grime*'<sup>4</sup>, os '*flows*'<sup>5</sup> viciantes, as letras construíram meu caráter e personalidade de várias formas, influenciaram e influenciam de forma muito intensa na minha perspectiva ético-moral do mundo, e também minha perspectiva imagética, esbarrando assim no meu trabalho visual.

<sup>2</sup> *Beats*: tempo forte do compasso musical, ritmo

<sup>3</sup> *Boombap*: estilo de batida clássica do rap

<sup>4</sup> *Trap, drill e grime*: estilos contemporâneos de batida do rap

<sup>5</sup> *Flows*: a maneira como "encaixa" vocalmente as palavras e frases no instrumental – *beat*.

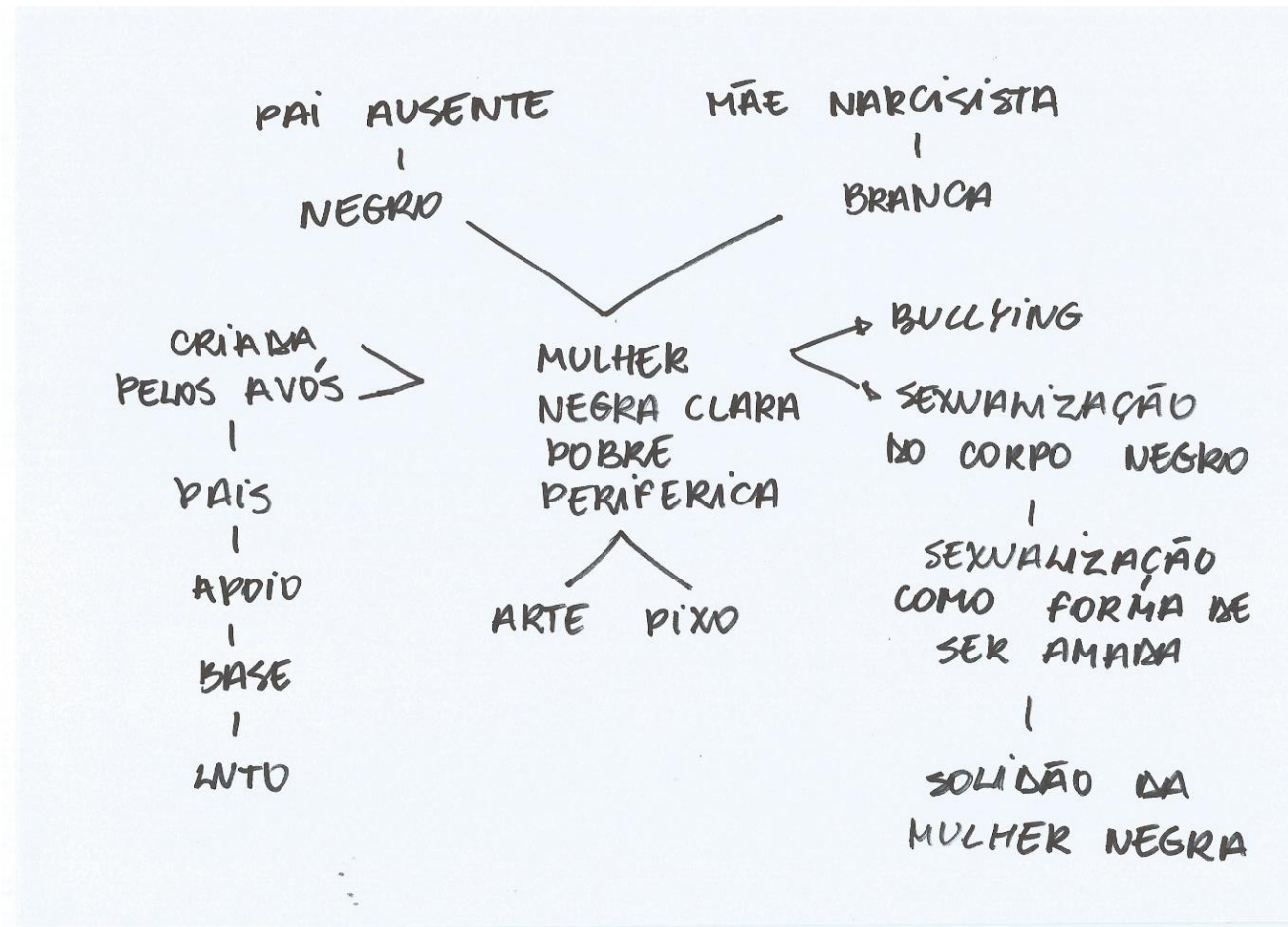
“Onde tu pensa que vai?  
Filho tu sonha demais  
E não existe paz nesse bairro  
Inventa o cais, pula fora desse barco  
É que o neguinho igual eu têm que ser  
duas vezes mais astuto  
Mais dedicado no estudo  
Mais focado que eles tudo  
É que a porra desse mundo odeia nosso  
rosto mulato  
Eles se precipitaram quando previram  
meu futuro.” (LEALL, 2021)

Verso e reverso para essa escrita. O trecho acima é da música “Real Drill” [um *‘feat’*<sup>6</sup> entre DK 47, Leall, Major RD e Kayuá, com produção do Índio]. Esse verso do Leall me lembra o deslocamento pendular na cidade, que fiz durante anos de graduação me deslocando da Ceilândia à L2 Norte.

---

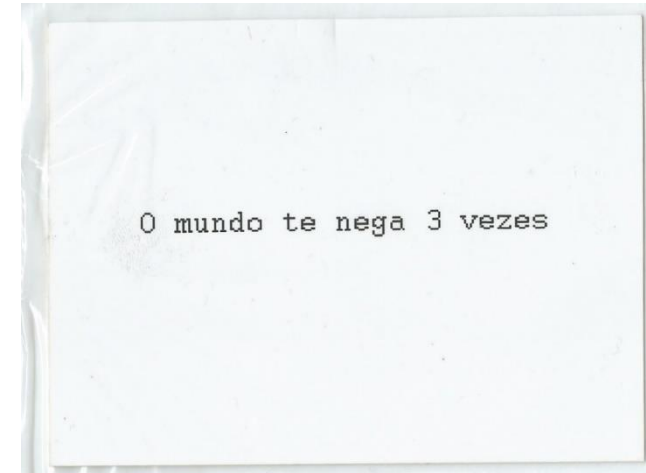
<sup>6</sup> *Feat.*: abreviação de *‘featuring’*, termo usado para indicar uma parceria musical.

## 2. A MULHER



O mundo te nega 3x: cor, classe e gênero. E então nossas vidas se voltam para as faltas, a falta do amor + a falta do dinheiro, Racionais já dizia: “1 por amor, 2 por dinheiro”, nossos enredos e problemáticas sempre voltados para a pele e para a classe. E sendo mulher?! [Medo a cada esquina, medo deles, dos homens, dos cana, dos bota, dos ‘muleque’ do corre, do namorado, do ficante, do não ficante, do padrasto, do marido da tia, do amigo, medo do tio da padaria -vou tentar não me infantilizar- do cara da padaria\*\*\*<sup>7</sup>, dos homens desconhecidos, daqueles que só de olhar dá nojo, dos homens desconhecidos que não dão nojo.] MEDO. Medo de ser quem se é e existir onde existo socialmente. MEDO. “Medo”, me faz lembrar de um verso de uma música que escutava quando era mais jovem, do Cacife Clandestino, que diz: “O monstro de aço se alimenta do seu medo.” (FELP22, 2016)

Figura 25 – Escrito sobre papel fotográfico, 7 cm x 15 cm.  
Parte do trabalho [        ]



<sup>7</sup> O uso de asteriscos (\*\*\*) se faz presente como uma citação ao modo de correção de palavras da internet, onde ao escrever uma palavra ou frase errada, ou mal

expressada, se corrige com um asterisco na frente da palavra correta. Faço uso de três asteriscos com a intenção de expressar exagero.

Figura 26 – [            ], trabalho final da matéria de Ateliê I. São recortes fotográficos e trechos dos meus cadernos de anotações que conversam entre si, formando uma espécie de mapa mental, em suporte de arame.



Obs: o título da obra realmente é '[            ]'



## 2.2 CAOS

Por muito as primeiras definições desse trabalho surgiram da palavra “caos”. Da etimologia: a palavra caos deriva do latim “*chaos*”, pelo grego “*kháos*”, que significa abismo. Ao flunar pela internet achei definições para ‘caos’ como: “confusão geral dos elementos da matéria”, “estado de completa desordem, confusão de ideias”, “amontoado de coisas que se misturam; bagunça”, “desordem mental ou espacial”, “condição desordenada que, pela tradição platônica, é anterior ao demiurgo”, “sistema sem estabilidade, dinâmico, que se altera no tempo a cada pequena alteração das suas condições iniciais”.

Poucos meses atrás, chorei ao telefone ao conversar com minha mãe. Com tanta coisa para equilibrar, suprir ao mesmo tempo, bater o ponto, ainda mais sendo uma mulher negra, moradora de periferia, que se desenrola solo na cidade, em meio mil atravessamentos, tentando ser artista. E, mais que isso, tentando ser feliz. Isso pra mim é caos:::::::::: VIDA REAL – DESORDEM.

Fui contestada e me auto contestei no tempo em que pesquisei sobre esse trabalho: ESSE TRABALHO NÃO É SOBRE CAOS!

É exatamente sobre ao contrário, sobre ornamentar, organizar minha produção, minhas ideias, minhas questões e os temas que perpassam não só o trabalho, mas a vida, a minha vida. Em um de meus escritos eu passo pela ideia de que esse trabalho é sobre caos interno, resultante dos desagues sintomatológicos capitais sobre meu corpo, sobre minha mente, sobre meu coração [coração quanto potência de sentir/e viver]. Por tempos acreditei fielmente que o pixo era minha reação, reação ao mundo. Dele surgiram inspirações e afinco [sangue na veia, sangue no olho] para seguir pensando esteticamente e poeticamente a arte, digo que esse trabalho faz parte da minha reação, que emerge do caos, que não é caos, mas por ora, não é ordem!

[estamos fadados ao caos]

## 2.3 TAG

'Tag' são as assinaturas no universo da pixação, uma espécie de rubrica, com o nome do pixador. Nome esse que é chamado de 'vulgo'. É um nome, digamos que, "fantasia", nome da "persona", do alter ego<sup>8</sup>.

A ideia é que a *tag* seja espalhada por toda a cidade, que ocupe o máximo de picos<sup>9</sup> possíveis, como uma demarcação de território, como uma forma de se colocar na cidade. Uma representação do 'eu simbólico', da persona, do sujeito, na cidade. Como uma forma de dizer que existo, como uma extensão do meu corpo, como uma extensão da minha presença, por ora o próprio corpo, a própria presença.

Figura 27 – Estudo de *tag* sobre papel



---

<sup>8</sup> Alter ego: outro eu no qual se deposita total confiança

<sup>9</sup> Picos: lugares

Figura 28 – *Tag* de canetão na cidade

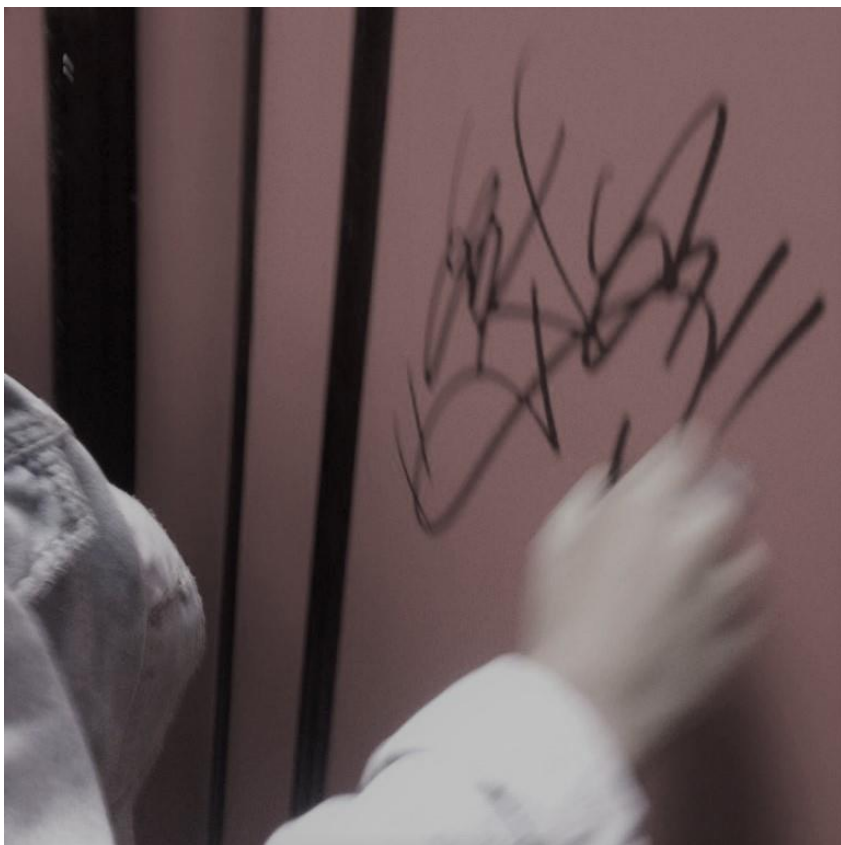


Figura 29 – *Tag* sobre adesivo fotográfico em banheiro de bar (fotografias de minha autoria)



## 2.4 EGO – ou requisição de enunciação

[18 de fevereiro]

- Esses dias um morador de rua e um vendedor de farmácia se juntaram quando eu estava saindo da farmácia e falaram que eu parecia modelo [era meu sonho de criança]

Falei que já fui [será que gera karma mentir às vezes? pelo poder da minha performance?] – posso ter sido só em sonho/devaneio e dessa perspectiva eu não menti

Eles acreditaram e eu concluí que tinha ‘capacidade’, se é que é essa a palavra...

Quando eu era criança falei pra minha avó que queria ser modelo. Ela falou que eu não dava pra isso, pra eu escolher outra coisa.

[meu corpo na cidade  
o corpo que se desloca na cidade  
que se coloca na cidade  
corpo que é ego  
ego que impõe sua presença]

- Laroyê minha Pomba Gira toda autoestima!

Seria engraçado, se não fosse trágico, como a masculinidade sempre fura e invade o espaço de mulheres, nem que seja em um sutil elogio, carregado de sexualização e animalização dos nossos corpos [dá vontade de correr pra longe, dá vontade de confrontar, “olho por olho, dente por dente”] penso o quanto nossas performances diárias ditam sobre o quanto conseguiremos sair pela tangente, sendo o menos abusadas possível, para que o machismo não nos toque nem sequer com o olhar, como se fosse possível, o que nos resta é hackear.

Quando eu era criança, desde que eu comecei ir para a escola, os meninos sempre riam de mim. As meninas, além de rirem, não me deixavam entrar nos grupos de brincadeiras e nem mesmos nos grupos de trabalho de escola. Na terceira série, eu me mudei de escola. Em especial, tinham duas garotas muito parecidas comigo na minha turma: negras de pele clara e cabelo cacheado. Pensei que elas poderiam ser minhas amigas, mas elas também riram. Talvez eu fosse engraçada mesmo... [sei lá, sagitariana... hoje em dia prefiro ver como um potencial, isso me empodera].

O barulho de risada fez eu procurar veementemente o que havia de errado comigo. O que era “isso” que me fazia motivo de piada somente pela presença [cheguei achar que era feia, sonhei em ser bonita, mas bonita pra quem?]. Hoje eu consigo sonhar muitas coisas [como esse tcc, simbolicamente representa meu sonho de me formar em Artes Visuais e tudo que isso representa na sociedade, no meu bairro, na minha família e mais que tudo, na minha vida]. Mas nem sempre foi assim, por longos anos o meu sonho mesmo era ser bonita, tão bonita que não fosse mais motivo de risadas [busquei a beleza de maneira cansativa e incansavelmente].

Em minha página do Instagram misturo e/ou confundo minhas anotações pessoais com minhas produções. Rosto, corpo, bunda como beleza [performance, por ora, a própria obra]. Ali procuro pensar e dizer histórias de formação pelas imagens. De certa forma procuro colocar como é louco, e meramente distópico, pensar que ser/estar bonita ainda está no topo das minhas escolhas. Esse ainda é o motivo de tantas buscas. Como se eu não me sentisse pronta para o mundo, para a vida, se não estiver na melhor

performance possível de mim mesma. A rede social é colocada aqui com a ideia de performance na rede, ou seja, como uma extensão da performance da vida material, funciona como um meio, como um instrumento e não como o foco.

Sendo uma mulher negra que vivi com baixas condições aquisitivas minha estética visual ainda dita o quão de segurança vou ter, em todas as áreas da minha vida, ainda que seja para estar sozinha em casa escrevendo essas linhas. Por vezes me sinto banal, fútil [não é possível racionalizar alguns movimentos].

[Será que é mero ego querer ser bonita?]

Será que é uma questão só minha [a busca visceral da beleza] ou é uma questão para toda mulher negra? Desejamos construir um ego forte na relação com o corpo? “Pra nós que somos pretas os clichês são outros” (TASHA, 2021). Creio que eu e todas nós estamos requerendo o direito à enunciação de nossos corpos e de nossa

subjetividade. Pensar sobre um outro psiquismo da mulher negra na contemporaneidade. Como ela lida com referências culturais e ambientes sociais relacionados para potência de subjetividades de autovalorização.

“Não se pode falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas, mas também devires animais, vegetais, maquínicos, incorporais, infrapessoais.” (GUATTARI, 1992, p.162)

Guattari comenta o quanto a subjetividade é coletiva e em sua elaboração não consegue dizer de sujeitos com enunciações individuadas em essência. Seria tudo composições parciais, heterogeneidades subjetivas. Eu, mulher preta, corpo, nas redes sociais seria então esse agenciamento coletivo de enunciação? Ou ainda, multiplicidades humanas, e diversos devires? Gosto da ideia do devir infrapessoal.

Talvez seja por isso que meu devir #mulhernegrabela tenha virado plano de fundo do celular de amigos::::::::::

Figura 30 – Três prints screen dos storys do Instagram



Coloco-me na emergência de lidar e pensar sobre o meu “caos” enunciativo, pois lido, a partir de processos de subjetivação em relação à fenômenos não previsíveis. É necessário se tornar uma pessoa que sabe lidar com esse “caos”, ou seja, com padrões de organização a partir de fenômenos desorganizados [cidade + periferia + ir e vir + arquétipos impostos pelo patriarcado + construir uma persona + força + afinco para ter as bases de si].

Quando não se tem nada, ainda se tem o corpo e tudo que há nele: pés, pernas, bunda, peito, mãos, cérebro... Requisito para mim as teorias para gerar estratégias. Ou seriam metodologias? Pois esse “caos”<sup>10</sup> implica sistemas não-lineares complexos, uma forma de conduzir pensamentos para enfrentar oposições e conflitos de maneira criativa. E, não importa o que ocorrerá com opositores. Assim, por essa minha operação [mapa-mental, *linkes* que mapeia as

bifurcações e dá caminhos estratégicos para estabelecer métodos tangíveis] o Corpo é material de performance. É poderoso, pois nele há uma possibilidade de produzir artisticamente sem nenhum material, só expressão manejada e arranjos visuais bem-postos.

A partir de símbolos e condições dadas formulo uma versão de mim na qual sabe lidar com a própria existência. Assim, uso o que me foi dado, [quanto lugar social e corpóreo para atingir a melhor versão de mim no aqui e agora, e/ou a melhor para adquirir e ocupar os locais nos quais desejo, e mais do que desejo, os locais nos quais preciso, por mim e pelas que compartilham de mim].

---

<sup>10</sup> Lembro aqui da Teoria do Caos. Uma disciplina científica que destaca estudos de sistemas não-lineares complexos: sistemas, não-linearidade e complexidade. Edward Lorenz, matemático e meteorologista, defendia que pequenos acontecimentos num ponto do planeta podem originar grandes mudanças no

ponto oposto, o chamado “efeito borboleta”. Isto dá origem ao campo de estudos da Teoria do Caos. (RUELLE, 1991)



## 2.5 SEXUALIZAÇÃO – a mulher e seu corpo

Figura 31 – Print screen de post no Twitter



Busca de enunciação. Busca de afirmação é procura de beleza. Um corpo feminino é banhado de machismo. E, por tantas, também de racismo. A sexualização bate na porta logo cedo [corpo de brasileirinha, bunda de globeleza, rapidamente se aprende a rebolar]. A gente ainda cresce escutando e lendo conto de fadas, a sociedade quer que a gente acredite que um dia o príncipe

encantado vai chegar, sonho tradicional, família feliz, tipo em comercial de margarina [pelo que vi de mundo parece que essa vivência é mito em quase 90% das famílias, é tipo performance de branco, eles fingem se amar e se respeitar, mas é mentira].

### SOLIDÃO DA MULHER NEGRA = COMBATE PARA ALCANÇAR A AUTORREALIZAÇÃO

Ninguém nunca conta para as meninas negras, o quão o amor é raro para os nossos corpos. Existe amor romântico para quem? A gente ainda se emociona com filmes de romance e sonha em vivenciá-los, nessa busca de amor, [tipo de filme], a gente paga com as moedas que tem [e é bem isso que eles querem mesmo, que a gente pague... não com dinheiro], com sexualização. Que a gente aceite nossos corpos serem sexualizados, animalizados e abusados por eles [homens-machos]. É quase um processo cíclico, como se não houvesse para onde ir, estamos marcadas pelo machismo adentrando nossos corpos de todas as maneiras, em nome do amor, do ódio, do prazer infame, em nome de qualquer coisa, para justificar o falocentrismo.

Perpassa um debate enorme sobre a sexualização do corpo feminino, principalmente sobre os corpos de mulheres negras, por vezes sexualização essa que é tão confundida com amor, por não conhecermos o afago, o afeto, aceitamos sexualização como o mais próximo do amor possível. Eu poderia dizer o quão eu escolho ser uma mulher não sexualizada de diversas formas [a gente tenta escapar pela tangente], não posso dizer de forma universal, mas quanto a mim, quanto mulher negra, sempre é cíclico, a sexualização sempre nos esbarra, sempre nos encontra, está lá, ainda que no silêncio, não importa o quanto eu fuja, nem tão pouco as roupas que eu use, nem mesmo uma performance *'tomboy'*<sup>11</sup> faz o caminho ser diferente. Ainda estarei aqui, no meu corpo negro de mulher.

SEXUALIZAÇÃO COMO FORMA DE SER AMADA = RELAÇÃO COM O CORPO

---

<sup>11</sup> *Tomboy*: garotas que se vestem e têm gostos parecidos com os dos garotos, não significa que sejam homossexuais, uma menina tomboy é uma menina, digamos que, "masculina".

Em contrapartida penso em como escapar desse ciclo. bell hooks<sup>12</sup>, quase como uma oração, como um grito de coragem, em Olhares Negros diz:

“Encarando a si mesma, a mulher negra percebe tudo o que precisa combater para alcançar a autorrealização. Ela deve rebater as representações de sua identidade, de seu corpo, de seu ser como dispensáveis.” (1992, p. 136)

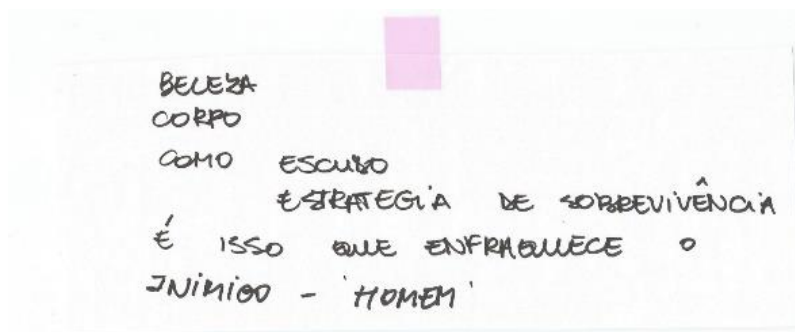
bell hooks diz mais:

“Certamente, esse é o desafio colocado às mulheres negras, que devem confrontar as velhas representações dolorosas de nossa sexualidade como um fardo que precisamos suportar, imagens que ainda nos assombram no presente. Devemos criar o espaço de oposição onde nossa sexualidade pode ser nomeada e representada, onde somos sujeitas sexuais — não mais amarradas e acudadas.” (1992, p. 154)

<sup>12</sup> hooks nasceu Gloria Jean Watkins, mas adotou o nome artístico em homenagem à bisavó. A escritora usava bell hooks em minúsculo como forma de enfatizar, segundo ela, "substância de seus livros, não quem eu sou".

Vejo como única saída possível de dominar os meus enredos, tomar a sexualização como trunfo. Mostro o que querem ver. É isca. É como jogar o jogo deles. É me expor com o intuito de ficar menos exposta e assim dominar a partir dos meus interesses e ressalvas a narrativa, [como em um jutsu sexy<sup>13</sup>].

Figura 32 – Material de anotação e organização de artista



POR SOBREVIVÊNCIA - PERFORMANCE - ARTE NO DIA A DIA =  
HACKEAR

<sup>13</sup> Jutsu: técnica ninja presente na série de anime e manga 'Naruto'.

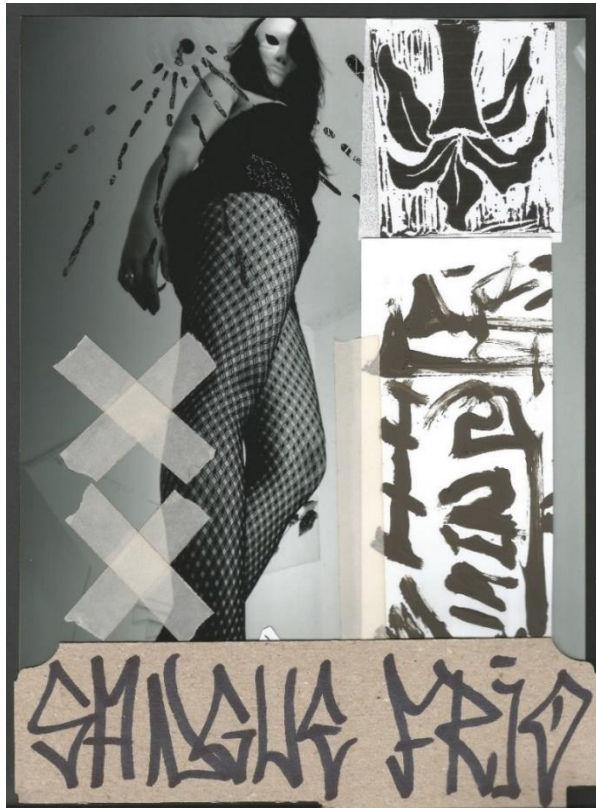
Na obra “SANGUE FRIO 2” trago o tema da sexualização. A fotografia usada é de um ensaio que chamo de “Mascaradas”, uma série de 2014, em que já tratava do tema da sexualização, abordando o quão as mulheres são consumidas pelo padrão de beleza, assumindo máscaras diante a sociedade e perdendo assim sua personalidade na busca do padrão inalcançável de beleza, com desagues na sexualização. A colagem é somada a uma gravura que ilustra uma espécie de bambu, posto de cabeça pra baixo, fazendo analogia ao falo, um recorte de pintura sobre papel, com estudos de manchas e desenhos “pseudo abstratos”, “SANGUE FRIO” escrito com canetão em *lettering* de pixo sobre papel papelão reaproveitado, e interferência de fita dupla face.

“Sangue frio” é uma ‘expressão’ que uso bastante, principalmente em muitos dos meus trabalhos, esse no caso é o “SANGUE FRIO 2”, tendo que é necessário muito sangue frio para ser

Jutsu sexy: é a técnica ninja que a partir de uma transformação em uma mulher extremamente sexy é capaz de derrotar seu adversário.

mulher e enfrentar tudo que é posto a nossa frente, [com sangue frio é possível virar o jogo].

Figura 33 – SANGUE FRIO 2, técnica mista, 21 cm x 26 cm, 2021



A sexualização do meu corpo e do corpo feminino que compartilha dos mesmos preceitos que eu, vem sendo um dos temas que exploro pela fotografia. Lembro que:

“...a mensagem da felicidade e do poder que emanam de uma mulher que aprendeu a derrotar os homens no jogo deles.” (hooks, 1992, p.141)

Penso também, na liberdade de expressão sexual das mulheres, tendo em vista que mulheres também são seres com perspectivas sexuais, e são livres, ainda que pareça que não, para performá-la ao seu livre arbítrio. De fato, nem sempre a expressão sexual e sensual de uma mulher está voltada para o sujeito homem, existe um grande universo a se desbravar sobre o cunho sexual feminino [o homem é só um pião, uma peça na mão].

“CAIXA DE FOGO” surgiu da ideia de fazer uma interferência no espaço expositivo no qual o espectador fosse confrontado a se instigar pelo objeto, se trata de uma caixa de fósforo fechada colada

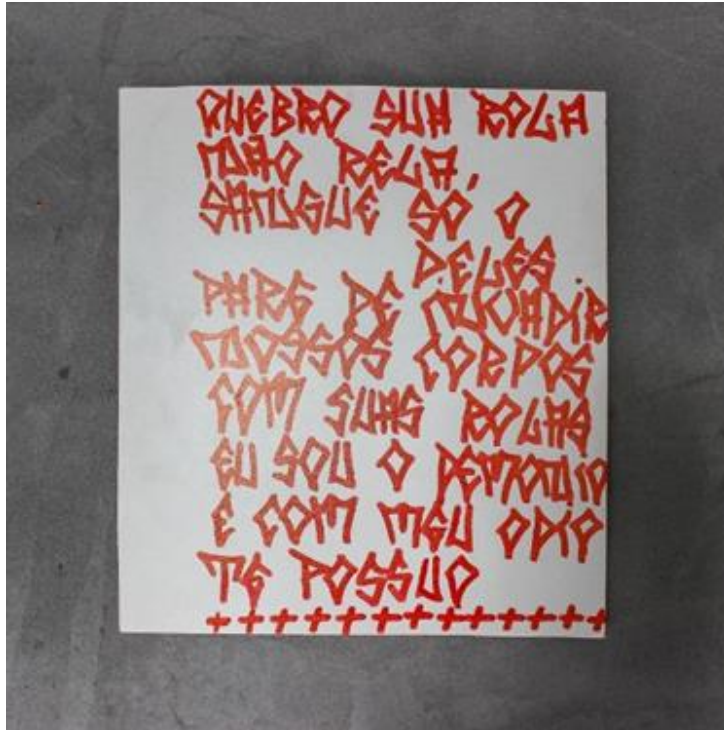
na parede do banheiro, na qual aberta traria a minha imagem de biquíni, de 4, como uma felina, olhar sutilmente contra-plongée e no fundo salta pedaços de uma pixação em madeirite, no qual está escrito: AMRAK [se lê de trás pra frente].

Figura 34 – CAIXA DE FOGO, fotografia em caixa de fósforo, fotografia: Albert Malta *aka.* RAT, performer: Aya Villena, direção de arte: Aya Villena, modelo de mão: Kelea Bastet, 4,5 cm x 3,5 cm x 1,5 cm, 2021



Em “ORAÇÃO”, tratasse de um escrito em *lettering* de pixo com canetão vermelho sobre madeira fórmica, escrito esse que saltou a mente quando recebi uma notícia triste, uma notícia de ódio, uma notícia de abuso, a raiva me saltou as entranhas e então escrevi: “QUEBRO SUA ROLA, NÃO RELA, SANGUE SÓ O DELES, PARE DE INVADIR NOSSOS CORPOS COM SUAS ROLAS, EU SOU O DEMÔNIO, E COM MEU ÓDIO TE POSSUO.” Esse escrito não foi posto e pensado como obra de arte, para mim funciona mais como uma oração, uma reza, reza braba! Assumindo aqui estado de arte, pela potência do inscrito e pela letra quanto imagem.

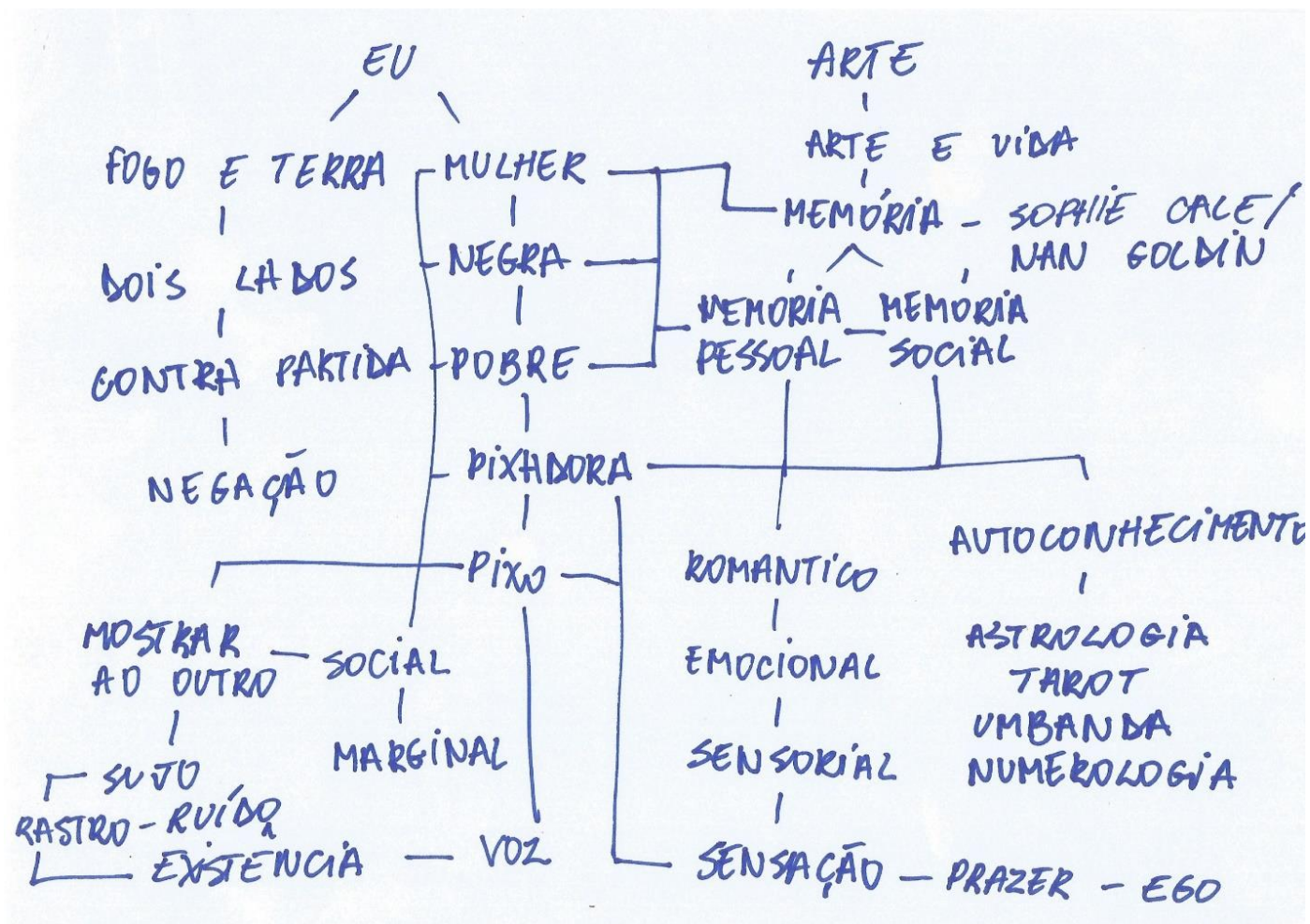
Figura 35 – ORAÇÃO, 33 cm x 37 cm, 2021



Hoje o lendo penso o quão é abrangente, as situações de abuso são sempre constantes, como se o machismo sempre desse um jeito de nos invadir. Isso me lembra meus primeiros anos na pixação, uma cena que como tudo é tomada por figuras masculinas, por homens, que exercem o seu machismo e sua sexualização também nesse espectro de protesto que é o pixo. Quando não é sexualização, é incapacitação, como se para ser pixadora fosse preciso ter um p\*\*<sup>14</sup>, “é preciso um p\*\* pra sentir ódio e pixar a cidade!?” mal sabem eles que com minha genitália carrego mais ódio do que eles podem conceber.

<sup>14</sup> Uso os asteriscos em ‘p\*\*’ como forma de censurar a palavra.

## 3. A ARTISTA



### 3.1 ARTE

Arte. Lembro-me bem dos primeiros questionamentos sobre o tema serem sobre o que é arte!? E sigo refletindo sobre as maneiras de fazê-la, para compreender minha produção e os meus caminhos. Até decidir por este campo tive indecisões e incômodos por áreas que envolviam proposições econômicas, talvez, acima de questões que buscam pensar o mundo criticamente e socialmente. Mas descobri que também na arte, havia o sistema mercadológico, o pensamento do capital, a precificação do fazer artístico, commodities... [tudo é capital? não há para onde fugir?]

Descobri ainda que a formação como artista não era unicamente sobre a construção da poética e do poder imagético, mas também sobre as burocracias desse trabalho escrito, saber utilizar citações e referências, dar-se conta do mercado de arte: exposições, galerias, salões, editais, portfólios...

A minha formação como artista não está desgarrada da minha condição e vivência periférica, assim como minhas problematizações quanto mulher negra, e as dificuldades e desafios do desenvolvimento acadêmico na universidade. Morei em uma casa com muitos acúmulos [restos de madeira, papelão, arames, tijolos, sacolas, caixas, revistas, restos de cadeiras e por aí vai...] para mim era lixo, para meus avós, aqueles objetos poderia servir, [e serviu!]

Criei exercícios diante desses acúmulos, resíduos, objetos de descarte, como [in]possibilidade de utilizá-los artisticamente, poeticamente como meu lugar, minha memória familiar, meu modo de ser e de principalmente, de pensar a arte. Inicialmente fiz registros fotográficos, depois pensei sobre os elementos na tela. Maria do Carmo de Freitas Veneroso diz sobre o uso do 'lixo': "...regenera, dando a eles status artístico. Assim, o que antes era lixo agora não é mais..." (2006, p.54). Como extrair um dado do seu meio de circulação habitual e colocá-lo em estado de arte.



Figura 36 – Rolos de arame dispostos na casa - posição 1: emaranhado; posição 2: circular; posição 3: suspenso



A possibilidade de juntar, colar, formar de novo, a procura do meu gesto, a ideia de construção de marcas expressivas potentes. Uma arte povera<sup>15</sup> de outro tempo-espaço? Como me apropriar dos diversos discursos, linguagens, estruturas, em função da minha própria produção, figura e lugar, e assim criar problematizações conceituais sobre uma sociedade consumista e capitalista.

“CÃO CAO-S”, são três objetos instalativos que partem da perspectiva de reaproveitamento dos materiais de descarte. A primeira peça é composta de madeira fórmica, fita isolante, pregos e ligas elásticas. É uma espécie de varal de ligas amarelas usadas comumente para amarrar dinheiro, como uma metáfora das dificuldades econômicas que atravessam a vida do ‘pobre’.

SUJO, RASTRO, RUÍDO = VALORES MARGINAIS

---

<sup>15</sup> Arte Povera foi um movimento artístico de vanguarda surgido na Itália na década de 60, significando “arte pobre”. A ideia do movimento era propor uma nova reflexão estética sobre o objeto artístico ao “empobrecer a arte”, com o uso de

Figura 37 – Peça do tríptico CÃO CAO-S



As ligas elásticas amarelas vazias fazem *link* ao sistema desigual de circulação monetária. Esse *hackeamento metafórico* [objetos/ memórias/formação de artista] também é a estratégia para as outras peças desta série. Uma é composta de madeira fórmica, arame, papel de pão com escrita em canetinha vermelha: “O PÃO

materiais simples, naturais e efêmeros. Seu cunho conceitual era a crítica a sociedade consumista e capitalista, bem como à comercialização do objeto artístico, trazendo assim os valores do que é pobre, logo, os valores marginais.

NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE”. A outra, acrescenta papelão, lixa e tinta pva aos materiais já utilizados. Sobre o papelão realizo estudos de manchas e desenhos de caráter “pseudo abstratos”. Por um lado, trago a ideia de reaproveitamento de objetos associados à manutenção da vida de pessoas de baixas condições financeiras, por ora pessoas em situação de rua, como o papelão, elemento muito utilizado como cama, cobertor e até mesmo como casa. Por outro, coloco também em questão, de maneira atravessada, as formas como são feitas a comercialização do objeto artístico, assim como o juízo do que é algo de ‘pobre’, e a concepção de valores marginais.

Figura 38 – Peça do tríptico CÃO CAO-S



Figura 39 – Peça do tríptico CÃO CAO-S



Escrito pessoal sobre a série CÃO CAO-S:

‘As notas que não chegam da ponte pra cá, a falta de acesso, daqui seguimos rezando pelo pão de cada dia, para que as notas cheguem e ao menos as contas sejam pagas. E que o papelão não seja um dos principais recursos para a vivência da galera da quebrada.’

A série “CÃO CAO-S” em instalação:

Figura 40 – Instalação CÃO CAO-S, impressão de gravuras sobre papel jornal, spray sobre madeirite, giroflex, 260 cm x 110 cm x 280 cm, 2021, na Galeria deCurators.

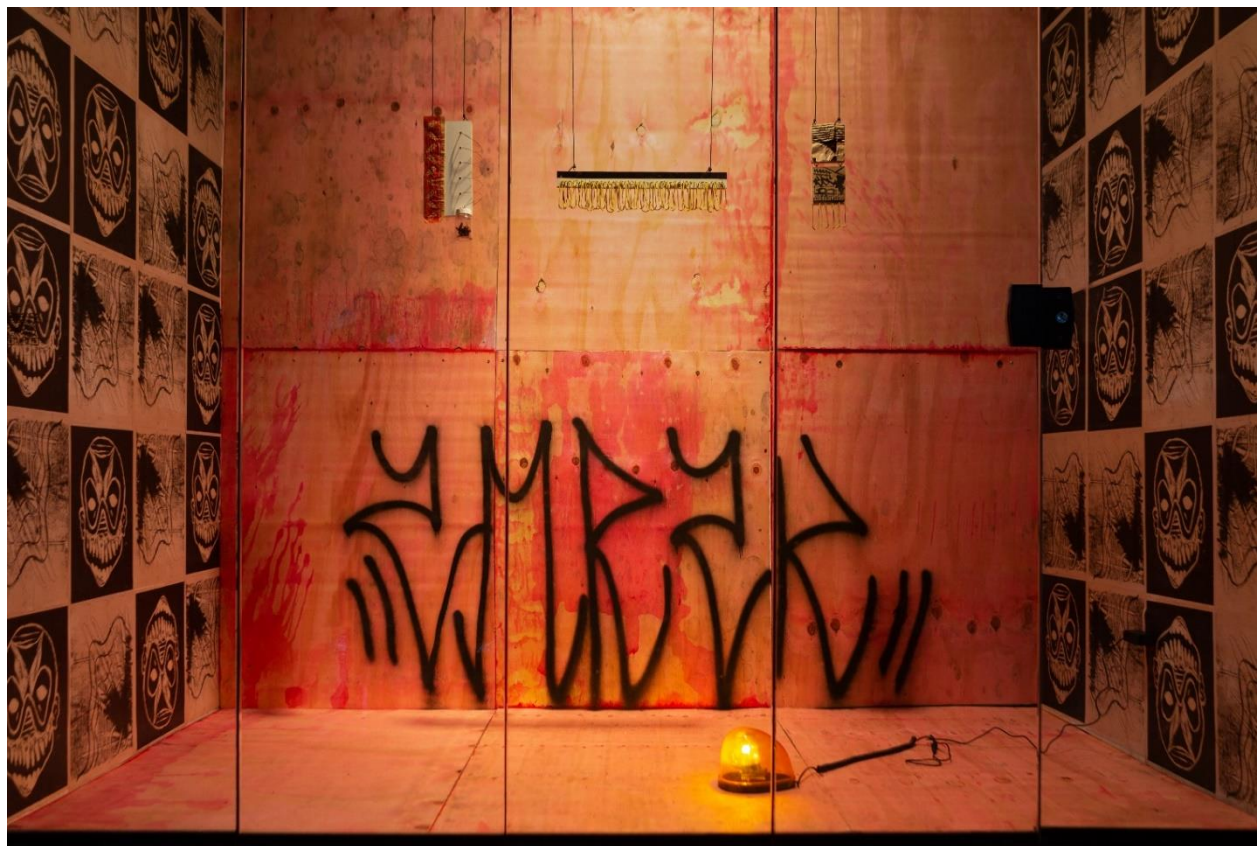


Foto: Mateus Lucena

A coleta de 'materiais de descarte' ultrapassou o limite do não-orgânico e deu vazão a objetos instalativos, quase como uma espécie de colecionismo. Objeto 1: coleção de baratas, capturadas e empalhadas por mim. Baratas me abre a margem de algumas reflexões, como a sua resistência, únicas sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki, e o quanto são lidas como seres sujos e nojentos, sendo aberta as analogias do expectador. Objeto esse que também participou da instalação citada acima. Objeto 2: pétalas de rosas se decompondo em caixa acrílica, rosas essas que são resíduos de oferendas.

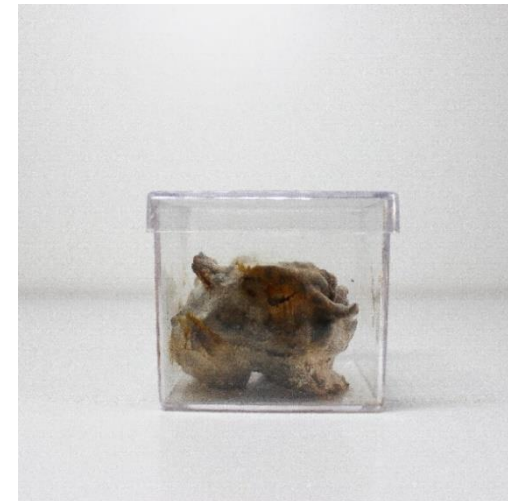
Figura 41 – Objeto 1: coleção de baratas em instalação CÃO CAO-S



Figura 42 – Objeto 1: baratas em recipiente plástico



Figura 43 – Objeto 2: pétalas de rosas em recipiente acrílico



### 3.2 LENTIDÃO

[perpasso com calma  
sem pressa  
como se não houvesse tempo

horas  
datas  
me perco  
desmereço o tempo  
me atraso  
o pensamento vaza  
deixo fluir  
o raciocínio escapa  
se desinteressa  
se desintegra  
deixo fluir]

### 3.3 DA PREGUIÇA À RAIVA – o MOVIMENTO DO PIXO

No subcapítulo anterior procuro explicitar quais os formatos que poderiam dar conta das questões, das discursividades, das ausências, dos lapsos da produção. As possíveis improdutividades também fazem parte dos métodos e das estratégias de produção artística.

Me encaro por horas e horas. No relógio parece que as horas correm, eu não me importo mais com o tempo, dia e noite, hora de comer, hora de dormir, hora disso e daquilo. Não quero ter que seguir nada, nenhuma padronagem, seja lá do que for. Padronagem de movimento, superprodução [tempo é dinheiro, dinheiro é papel, dinheiro é vida ou morte?]. Por aqui me arrasto, nada me interessa tanto [procuro em mim todos os estímulos para seguir as linhas desse trabalho, quase não achei, procrastinação, inércia, permissão para ficar parada].

“A preguiça consiste, então, em estar disponível ao presente. Ser preguiçoso é antecipar. Estar disponível ao presente é dar-se o tempo, contrariando a tirania imposta pela produção. Dar tempo é retardar, marcar pausas. A tirania da produção subtrai, constantemente, da nossa existência a disponibilidade, a gratuidade, a inutilidade e a lentidão.” (ADORNO, 2014, p.26)

NEGAÇÃO = COMO SE MEU NÃO MOVIMENTO FOSSE UM PROTESTO

### 3.4 PRESSA

[como uma empreitada temporal  
submersa no espaço  
denso e corrosivo do agora  
esse agora que esvai  
esse agora que triunfa  
como ácaros no calor e na umidade]

### 3.5 PIXO

Figura 44 – Material de anotação e organização de artista

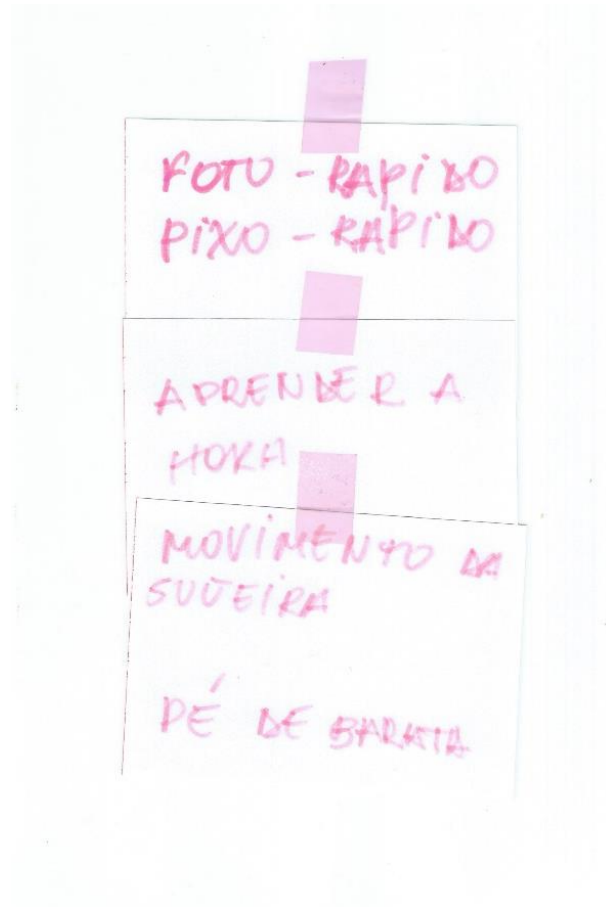


Figura 45 – Print screen de post no Twitter





Figura 46 – Pixos em lugar secreto

Figura 47 – Caminhão pixado

Figura 48 – “ODEIO VANDALO II”, 10 cm x 15 cm, técnica mista, colagem digital e interferência de canetão, 2018

Figura 49 – Local abandonado na Asa Sul, 201

46



47



48



49



O pixo adentrou minha vida de várias formas latentes. Dentre elas passou a fazer sentido quanto moradora de periferia, que questiona valores da sociedade e que tenta se colocar como mulher com um corpo que luta para existir com liberdade.

O pixo<sup>16</sup> carrega em sua essência o teor de contestação, de protesto, pelo qual busca a visibilidade periférica, colocando no cenário urbano sua interferência. Sua ilegalidade caminha no espaço, no que é dito particular e público, e se legitima dessa forma, sendo uma atividade que carrega em sua essência a contravenção, a intenção é ser “fora da lei”. A intenção é ir contra o sistema capitalista e globalizado.

É importante diferenciar algumas caracterizações necessárias para o entendimento da linguagem usada: pichação, pixação e grafite. A pichação trata dos meros escritos, sem nenhum cunho estético, só para fim de escrita e comunicação. É essa escrita

---

<sup>16</sup> O pixo como gênero surgiu na década de 1960, em Nova York, em paralelo à cultura *hip-hop*, com a nomenclatura de *graffite* (*bombs* e *tags*). Mais à frente, na

que já existia antes da manifestação do movimento *hip-hop* em Nova York. A pixação é a manifestação cultural e social que surgiu nos Estados Unidos com as *tags*, que carrega uma estética estilizada de letras, que mais na frente foi extremamente arrojada e personalizada na cidade de São Paulo, com a *tag* reto, as letras chapadas, alongadas e com linhas retas. O grafite trata dessa mesma escrita somada a ‘desenhos’, que também surgiu em NY com os *bombs*, com uma estética composta visualmente por letras vazadas e preenchidas. Vale ressaltar que nos EUA tanto o pixo (*tag*), quanto o grafite recebiam a mesma nomenclatura: *graffite*, por remeter ao escrito inscrito, foi no Brasil que se bifurcou, mas teoricamente ainda se trata da mesma atividade. Além disso, tendo em vista que o pixo é uma atividade transgressora, o fato do pixo com “x” estar fora das regras da linguagem portuguesa, também marca a característica de subversão do movimento.

década de 1980, em São Paulo, o pixo tomou uma nova visualidade com a *tag reto*, que consiste nas letras retas, alongadas e distorcidas.

O pixo por ser uma atividade considerada ilegal, logo, se cria muitas problematizações sobre sua marginalidade. Acredito que essa marginalidade é institucionalizada por questões econômicas, étnicas, raciais, questões essas que oprimem diariamente, pessoas desfavorecidas. Considero o pixo, como uma espécie de grito de quem sofre com a invisibilidade social, e/ou de quem está revoltado com a desigualdade capital. De uma maneira conflitante, fazer com que a sociedade volte seus olhos para quem está à margem social, de quem é vítima do sistema.

O pixo traz uma visualidade estética desleixada, “suja”, dita socialmente dentro dos estereótipos do “feio”, e isso causa parte de sua rejeição social, o que carrega uma enorme significação, pois essa é a exata intenção.

Minhas investidas na pintura é trazer as questões do pixo e das representações no campo da arte. Procuro colocar, o quanto o pixo traz a cara do que é a favela, do que é periferia, que é simplesmente abandonada e esquecida pelo governo. O pixo leva

essa imagem para os muros da cidade, a intenção é incomodar os olhos de quem vê, atrair os olhares para o que é colocado de lado e esquecido, ainda que funcione como um código, uma conotação simbólica, de demarcação de linguagem que exprime a dialética e o alfabeto de um território, não apenas geográfico, mas social, de formação, de classe, de defesa de um povo, como uma ‘região moral’.

“...a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida cidadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas.” (VELHO, 1967, p. 62)

























Poucos conseguem ler, sendo uma comunicação interna dos seus, mas ainda assim a ocupação visual e o não entendimento geral também é uma forma de comunicação. Ao trazer para o trabalho de arte a escrita do pixo e sua visualidade, a letra quanto imagem e a imagem quanto letra, busco fazer uma citação visual ao seu conceito ético e político levado aos últimos níveis do ato em sua legitimidade.

Se o pixo é um protesto social e é diminuído a mero vandalismo da perspectiva social, a citação do mesmo nos trabalhos de arte procura operar com variadas categorias. Dentre elas citar essa marginalidade ditada socialmente, já que carrega um simbolismo conservador e elitista do que é o sistema. Pois, com o intuito de agradar a sociedade burguesa, o governo criminaliza a pobreza, retira direitos sociais, afasta e esconde ainda mais a periferia: elevando a tarifa do transporte, perseguindo a arte com a higienização da cidade, retirando moradores de rua do centro, combatendo e apagando qualquer expressão de resistência cultural da periferia, e é dentro dessa esfera que o pixo existe.

Em São Paulo, na década de 1980, sob a influência do movimento Punk, do Heavy Metal e de bandas de Rock, foi desenvolvido o estilo de pixação '*tag reto*' com influências de povos germânicos antigos e sua escrita rúnica. Gerou influências para o cenário do rock e o desenvolvimento de letras estilizadas para o *lettering* do pixo. Esse estilo tem por característica letras retas, pontiagudas e alongadas. Sua constante elaboração e criação feita

por cada pixador enfatiza e se opõe ao preconceito de que pixo é rabisco, pois ao contrário, percebe-se uma estética elaborada, intrínseca e carregada de simbolismos atreladas a significados políticos e sociais.

Figura 50 – Alfabeto rúnico

A l f a b e t o r ú n i c o							
							
f	u	th	a	r	k	g	w
							
h	n	i	j	ae	p	z	s
							
t	b	e	m	l	ng	d	o

Fonte da imagem: site onda21.com.br

Para compreender ainda contextos para o desenvolvimento do pixo é importante lembrar dos movimentos de contracultura.

Pode-se compreender que a Arte Marginal<sup>17</sup> surgiu também na década de 1960, com a contracultura, movimento dos que rejeitam e questionam valores e práticas da cultura dominante. Denomina uma arte que não está envolvida nos meios tradicionais de apreciação e circulação artística, como galerias e museus, porém décadas depois a arte marginal ocupa esses espaços.

É importante ressaltar que a Arte Marginal, em sua essência, tem a produção exercida por sujeitos que se encontram à margem da sociedade de alguma maneira, seja por questões sociais, econômicas, étnicas ou psicológicas. Sendo assim, engloba a arte feita por pessoas pobres, periféricas, negras, lgbtqia+, loucas e deficientes. Trata-se de todas as questões postas de lado socialmente, de todas as pessoas marginalizadas e ridicularizadas diante uma estética ético-moral convencional e globalizada.

---

<sup>17</sup> Obras ditas como “marginais” tiveram esta designação construída pelo artista Jean Dubuffet, por volta de 1945, ao propor a designação Art Brut. Tratam-se de produções propostas pelas classes populares, ou por pacientes de hospitais

A Arte Marginal coexiste com a arte contemporânea e vem desmistificando a lenda de que arte é coisa de “gênio”. Vem tirar da arte seu teor elitizado, o qual exclui de sua esfera tradicionalista e erudita pessoas financeiramente desfavorecidas, não escolarizadas e que produzem objetos artísticos fora dos padrões estéticos e conceituais impostos pela academia de arte tradicional. As tangentes organizacionais de movimentos marginais se ligam com esse trecho de “O fenômeno Urbano”, de Otavio Guilherme Velho, a partir do pensamento de Robert Ezra Park:

“A associação com outros de sua laia proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que têm em comum, suporte que não encontrariam em uma sociedade menos selecionada. Na cidade grande, o pobre, o viciado e o delinquente, comprimidos um contra o outro numa intimidade mútua doentia e contagiosa, vão-se cruzando exclusivamente entre si, corpo e alma.” (VELHO, 1967, p.65)

psiquiátricos, mas de todo modo que passam por sistema de exclusão. (ANDRIOLO, 2006)

### 3.6 REPRESENTAÇÃO HACKEADA

Figura 51 – Dor compartilhada, acrílica sobre tela, 152 cm x 100 cm, 2017



Figura 52 – Registro do processo de produção de “Dor compartilhada”



Figura 53 – AYA SEM TÍTULO 1, acrílica sobre tela, 170 cm x 100 cm, 2017

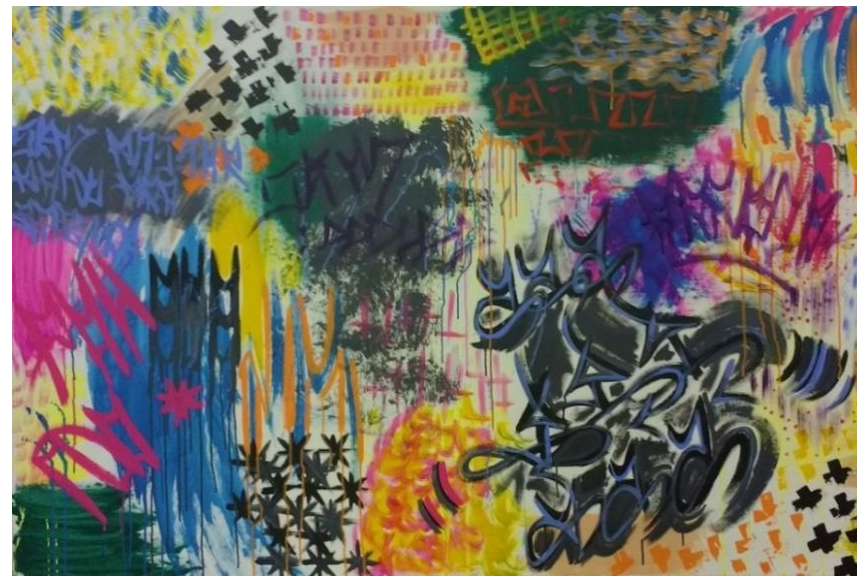
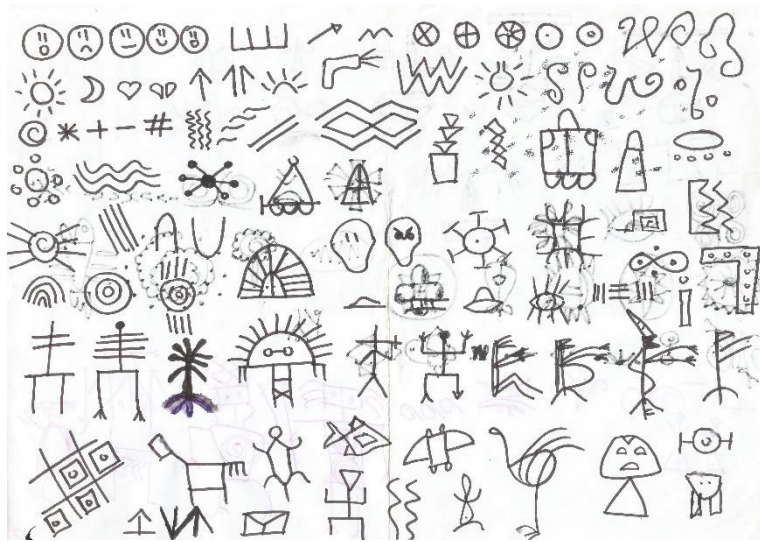


Figura 54 – Registro do processo de produção de “AYA SEM TÍTULO 1”



O trabalho se impõe de maneira intransigente sobre mim. Do acúmulo sai algo. Diante de um processo de absorção caótico, do excesso de questões, vazam as obras e assumem o seu local. Pinturas carregadas de referências visuais: símbolos, inscrições rupestres, geometrias, *lettering* do pixo e visualidades nas quais não sei discursar com assertividade, [como figuras estranhas e líquidas que surgem da escuridão, eu diria da histeria, exagero, angústia e tensão].

Figura 55 – Scan de estudo de formas



As pinturas se dão inicialmente pelo estudo de manchas, o risco, o rabisco, fazendo citação a “sujeira” [monocromático que suja], como uma expressão corporal - do desleixo. Somado aos símbolos, que vão de desenhos inscritos despersonalizados, desfigurados com a intenção de refigurar em uma visualidade desordenada na qual se arranja em formas e cores.

A presença dos meus estudos de letras do pixo é muito marcante nas pinturas, sendo o pixo o motor condutor e inspirador de grande parte dos meus trabalhos. Os pixos vistos na cidade, quanto forma, se dá a partir de um estudo de letras e treinos rotineiros, em folhas, cadernos e esquetes, para que, quando o pixo vier a vida nas paredes da cidade, a letra se encontre em sua melhor performance visual e gestual. Sendo a letra uma extensão da performance corpórea, o poder de soltar o traço e trazer a letra quanto imagem em sua forma visual. Assim, as pinturas vazam esses estudos estéticos da minha letra quanto visualidade, entrando como representação nas pinturas, como um esquete, treino das formas, na tela.

Sendo a representação do *lettering* do pixo, uma espécie de estudo visual, das formas, nas quais toma o meu fazer de diferentes perspectivas na vida, ainda assim, a representação das letras quanto imagem não se confundem com o pixo em sua legitimidade, sendo que este se legitima em seu teor de contravenção e ocupação de espaços, ficando assim seu conceito ético-moral. A representação aqui tratasse do estudo da letra e sua visualidade, a imagem quanto letra e a letra quando imagem. Assim como Maria do Carmo de Freitas Veneroso afirma:

“...a escrita dialoga com a visualidade da letra, reata, de certa maneira, antigos vínculos existentes entre a palavra e a imagem, entre o traço do desenho e o traço da escrita, revelando que a escrita não é apenas um meio de transcrição da fala, mas é uma realidade dupla, dotada de uma parte visual.” (2006, p. 46 e 47)

A minha mente flana em muitos lugares no que desrespeita a escrita. Uma grande portadora de poder. Meu avô sempre falava algo sobre “o poder da palavra”, para além de sua perspectiva

comunicadora da linguagem, a palavra enquanto bruxaria! Como em um mantra em que a repetição traz a materialidade, a transmutação, a evocação, assim como o treino incessante de um *lettering* e sua repetição frenética em todos os lugares possíveis e “impossíveis”, na cidade, e nas telas. Como um amigo que tive o prazer de conhecer no departamento de Artes Visuais indaga em seu TCC: “O que faz a inquietação do artista/pixador?”:

“No fazer artístico está contido o mesmo impulso e a mesma vontade do pixador, uma coragem pra assumir um gesto, uma inquietação permanente com as possibilidades de atuação, as duas envolvem o corpo e a perspectiva particular do indivíduo no processo do fazer.” (FREITAS, 2018, p.38)

Durante a produção da obra final que acompanha esse trabalho, muitas questões surgiram e interferiram no seu fazer... Fiquei pensando muito sobre a potência das cores ao analisar meu trabalho como um todo, o quanto as cores em suas massas ao tomar forma define o espaço. A partir da contrapartida do pixo, que ao usar uma cor, tem a potência de “sujar” um espaço ao ocupar o teor



visual, dessa reflexão, surgiu a expressão visual: MONOCROMÁTICO QUE SUJA.

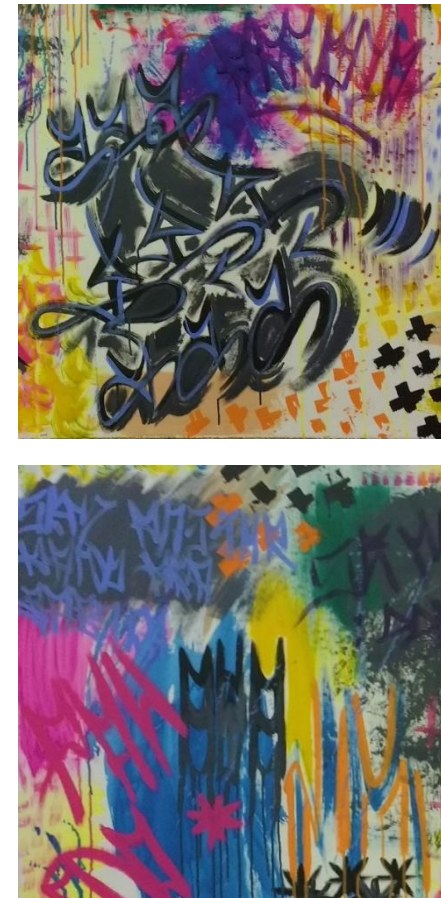
Comecei observar as massas de cores como um todo e decidi não executar letras ou desenhos na pintura desse trabalho, apenas massas de cores, dispostas de formas diferentes, com expressões simples, entre traços e riscos, pensando a gestualidade repetitiva e sem ordem específica.

Figura 56 – Quatro imagens de zoom da pintura “HACKEADA”



De forma geral, nas minhas pinturas costumo fazer um processo um pouco diferente do processo anterior. Os estudos das letras de pixo vem de forma disfarçada como forma, ou, sendo hackeadas com as massas de cor::::::

Figura 57 – Duas imagens de zoom da pintura ‘AYA SEM TÍTULO 1’



Os estudos de desenhos também recebem massa de cor ao fundo ou sobreposto às massas:.....

Figura 58 – Duas imagens de zoom da pintura “AYA SEM TÍTULO 3”



Somado a formas geométricas e símbolos:.....

Figura 59 – Duas imagens de zoom das pinturas “AYA SEM TÍTULO 1 e 3”



Como na pintura a baixo, se faz presente todos os truques de hackeamento da pintura citados acima:.....

Figura 60 – Pintura sem título, 20 cm x 27 cm, 2022



Desafiei alguns amigos pixadores em achar o inscrito presente na pintura: AMRAK [será que você também é capaz de achar?]

Já na pintura que acompanha esse trabalho escrito quanto obra, chamada de: HACKEADA, a escrita não está hackeada de nenhuma forma. Como citei acima, resolvi fazer processos de pintura diferentes [tentar algo novo]:.....

Figura 61 – Pintura “HACKEADA” antes e depois do atropelo com *lettering*



O fundo se deu a partir da expressão “monocromático que suja”, foi pensado para não habitar formas muito elaboradas quanto distorção e figuração. A ideia é que se tratasse de um trabalho no qual as formas seriam mais retas. Por cima traria letras, em formatos mais quadrados, uma encaixada na outra, com o inscrito de um dos meus vulgos: AYA. O que no meio do trabalho tomou outros caminhos de pulsão, por meio de pensamentos e atravessamentos da vivência no tempo que o trabalho toma forma, corpo e visualidade estética.

Como a obra havia sido pensada para funcionar como várias telas, ao cortá-la em pedaços menores, em que as letras ficariam aos pedaços, não sendo possível sua leitura de nenhuma forma [realmente uma escrita hackeada], ficaria só pedaços da imagem da letra. Fui tomada pela pulsão de inscrever na obra: PSICOPRETA. Termo que acompanhou muito dessa pesquisa e estava presente no meu trabalho de anotações anteriores à essas linhas. Termo que me marcou na música “Um Chamado” da Bia Ferreira. Pensei em colocar nesse trabalho somente o verso que traz a palavra, porém fui tomada

pela potência desse escrito e quis o trazer por inteiro, dessa forma séria, até mesmo, mais compreensível o sentido geral de trazer o termo PSICOPRETA para o trabalho, tendo a pesquisa por inteira atravessada por esses versos de Bia Ferreira:::::

“Escrevo essas linhas sem medo de como você  
pode interpretar  
Um chamado, tá tudo acordado  
O bonde tá forte, nós veio cobrar  
Do ouro ao conhecimento  
Não vai ter lamento e eu vou te mostrar  
Minha história é contada oralmente  
Não adiantou cê querer apagar  
De boca a boca nós vamo contando um levante e  
armando para dominar  
Seus livros, seus filmes, sua casa  
Seus filhos e a televisão que cê vê no seu lar  
Mexendo com gentes  
Plantando sementes, germinando mentes, logo vai  
brotar  
Vai virar floresta  
Não vou deixar fresta pra minha história você  
contestar  
Entrei nas escolas e nas faculdades  
Igrejas não vão mais me silenciar  
Aqui não é teu culto nem congregação  
Nessa mata fechada cê não vai entrar  
Fazendo esse alarde pois não sou covarde

Não vai nem dar tempo, o plano tá em ação  
 É ação direta, sai da minha reta  
 É mais do que só gritar revolução  
 SOU PSICOPRETA, tomei sua caneta  
 Sou bem MAIS QUE TETA, BUNDA E CORPÃO  
 Sou mente afiada, festa tá armada  
 Fogos de artifício, segura o rojão  
 Plow!" (FERREIRA, 2019)

Figura 62 – Recortes da pintura “HACKEADA”



O intuito do trabalho se baseia no estudo da letra quanto imagem e a imagem quanto letra. Nem todos os recortes foram usados como obra final, já que visualmente algumas letras não atingiram um nível de excelência e alguns recortes não funcionaram dentro dos padrões que acredito serem bons visualmente. O trabalho “HACKEADA” é composto por 9 peças de 18 cm x 25 cm, em que 2 peças não estão atropeladas pelo *lettering* em preto cortado.

A proposta da obra HACKEADA se fecha ao usar os recortes que viram telas unitárias como uma espécie de tarja em uma performance fotográfica. A série se trata de 6 fotos expostas juntas em uma colagem digital. Trata-se de imagens da mesma leva da imagem a seguir, com fundo branco, mas que não trago nesse trabalho escrito por pudores que ainda permeiam esse escrito.

Figura 63 – HACKEADA, pintura sobre corpo



Foto: Daniel Roberto

De modo geral procuro nesta produção tratar como uma recusa da invisibilização, como uma micropolítica na qual ao mergulhar em especificidades de um ser, o individualiza, a narrativa toma singularidade, e abre margem para tantas histórias que compartilham da minha, com pistas e vestígios simbólicos que

representam formas próprias de uma dada comunidade de estar e existir no mundo.

A ideia de [auto]representação contamina esse trabalho de muitas formas. Na representação da cidade, da mulher, da artista, e dentro desses espectros, a representação da periferia, da negritude, da pixação, como uma reivindicação do olhar pela permanente recusa do apagamento, não somente individual, mas grupal, tendo que a luta é coletiva. A representação como forma de reivindicação.



Perpassando pela minha produção a partir da minha formação como bacharel em Artes Visuais e da construção dos sentidos do que é pesquisar, trago por meio de meus mapas mentais, de minhas exposições realizadas e do memorial apresentado, os elementos que embasam a minha poética. Mas, soma a isto também experiências de variados atravessamentos que permeiam o trabalho e minha vivência nessa construção de arte e vida.

Muito do que está aqui apresentado fez parte da exposição “AYA POR FAVOR!” realizada no dia 13 de novembro no Espaço +Flor, localizado em Taguatinga Norte, Brasília. A exposição foi o ponto de partida para a organização da minha produção de forma geral, organização essa que se estendeu para esse trabalho com a intenção de compreender os caminhos e proposições da produção artística.

Nesse processo de construção e compreensão do trabalho, pude perceber que se apoia no poder autobiográfico, na potência de contar histórias, não qualquer história, mas a minha própria história, e, que diante tantos atravessamentos carrega a poética em uma obra

que destaca variadas questões. Mulher, negra, pobre e periférica, que passou dos 18 anos, viva. Aos 26 anos, a primeira formanda da família, pensando poéticas no departamento de Artes Visuais na Universidade de Brasília, ainda que este trabalho não seja diretamente sobre isso, acredito fielmente que esta é minha maior obra de arte!

Neste trabalho, apresento minha produção com ênfase na multiplicidade de meus processos de pesquisa. São referências diversas de uma trajetória que invade a produção artística e a formação acadêmica em Artes Visuais. Tento destacar minhas estratégias e metodologia de perspectiva hacker. Pois, daqui de onde vim e/ou estou é preciso hackear tudo. Hackear a vida, os estudos, o trabalho, hackear as intransigências sociais sobre meu corpo. Hackear é como uma nova política de subversão, ou, a minha política silenciosa e efetiva, como quem vai pela tangente, como quem sorrir para as câmeras para roubar, para tomar de volta, ter um espaço meu, onde domino as narrativas e minha autoimagem. Não posso dominar as ações de nenhum sujeito, nem se quer minimamente.



Mas na performance existe o poder de convencimento e por meio da representação de mim mesma, a partir dos meus interesses, assim: eu hackeio! É como na pixação, as letras estão hackeadas, criptografadas, por ora extremamente desfiguradas e refiguradas para que somente os pixadores ou os estudiosos, admiradores e amantes de sua estética entenda, como um código, um símbolo, que ainda que não seja possível lê quanto letras, sua intenção de ocupação do cenário visual ainda exerce sua função.

[sujeitos hackeados pelo sistema, hackeando...]

Diante um estado de constante revolta, através de expressões simbólicas suburbanas, \*HACKEADA\* é um ataque visual e escrito, por hora inscrito, entre letra e imagem, pela necessidade inata de violência.

HACKEADA: mão dupla - fui invadida pelo sistema e o modifiquei.

Vontade de pixar:..... HACKEADA

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Yasmin. **Rever / Rêver a cidade**. TCC (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade de Brasília. Brasília. 2014.

ALIEN, Black. **Que Nem o Meu Cachorro**. Faixa 4, Álbum: Abaixo de Zero: Hello Hell. Gravadora: Extrapunk Extrafunk, Rio de Janeiro, 2019.

ANDRIOLO, Arley. **Histórias da arte marginal: um processo de ambigüidades**. Anais. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

BALLEN, Roger. **Transfigurações, fotografias 1968-2012**. Catálogo de exposição - Caixa Cultural Brasília, 2017.

CLANDESTINO, Cacife. **Roda Gigante**. Compositor: Felp22. Produção: WcNoBeat. Álbum: Roda Gigante. Gravadora: Medelin Records, Rio de Janeiro, 2016.

CRIA, Favela feat. DK 47, Leall, Major RD e Kayuá – **Real Drill**. Álbum: Real Drill. Produção: Índio. Gravadora: MP PRODUÇÕES, Rio de Janeiro, 2021.

COSTA, Luizan Pinheiro da. 2007. **Grafite e pichação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea**. In: III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP, 2007, Campinas. Anais... Campinas: Unicamp. p. 177 a 183.

FERREIRA, Bia. **UM CHAMADO**. Álbum: Igreja Lesbiteriana, Um Chamado. Gravadora: Gravadora: Altafonte Network, S.L. 2019.

FREITAS, Stênio. **VERSUS: Um Ato de Oposição**. TCC (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade de Brasília. Brasília. 2018.

GUATARRI, F. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão (trads). Caosmose. **Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora34, 1992.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MC'S, Racionais. **1 Por Amor, 2 Por Dinheiro**. Álbum: Nada como um Dia após o Outro Dia. Gravadora: Boogie Naípe, São Paulo, 2002.

**NARUTO**, Tóquio: Shueisha, n. 1 e 2, 2000.

RUELLE, David - **Acaso e Caos** - São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

SABINO, Iza (part. Tasha & Tracie). **Pretas na Rua**. Produção: Coyote Beatz. Álbum: Glória. Gravação: Felipe Fantoni | Leve Music, 2020.

SILVA, Gustavo Lassala. **Em Nome do Pixo**. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

SILVA, Gustavo Lassala. **Os tipos gráficos da pichação: desdobramentos visuais**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

VELHO, Otavio G., Georg Simmel, Robert E. Park. **O FENÔMENO URBANO**. Editor: Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1967.

VENEROSO, Maria Do Carmo de Freitas. **A letra como imagem, a imagem da letra**. MCF Veneroso. Concepções contemporâneas da arte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 46-67, 2006.

#### Referências Eletrônicas

«**Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**», *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 13 abril 2022. URL: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1827>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1827>> Acesso em: 06/04/2022

**CAOS.** In: DICIO, Dicionário Online de Português. Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro, 2022. URL: <<https://www.dicio.com.br/caos/>>. Acesso em: 04/03/2022

Exposição coletiva: **Pendular, O movimento que há entre lá e cá.** Curadoria: Bernardo Bazani e Bia Petrus. Galeria: Casa da Escada Colorida. Rio de Janeiro. 2020. URL: <<https://www.casadaescadacolorida.com/pendular>>. Acesso em: 13/03/2022

**Runas, o alfabeto/ oráculo.** Do almanaque do Aluá nº2. Celina Costa, 2016. URL: <<http://onda21.com.br/runas-o-alfabeto-oraculo/>>. Acesso em: 11/04/2022

## NOTA FINAL

Me deparei com muitos demônios durante essa escrita, talvez por se tratar dos meus próprios demônios. Vivenciar os processos tão intensamente dia após dia, coexistindo no caos e nas problemáticas diárias da minha vivência, por hora compartilhada por muitas das minhas, me aproximou do trabalho como nunca esperado, como nunca feito, chego a pensar que estive ausente em tantos outros momentos da minha graduação, não me sinto suficiente escrevendo essa nota final às 6 da manhã de uma madrugada não dormida por mera ansiedade, algumas que permeiam esse trabalho, outras não. Demônios...

No mais, a inercia do corpo, a negação, a procrastinação, o tempo que se esvai, trouxe esse trabalho em condições literais de caos, talvez seja na zona de conflito onde nos confrontamos e encaramos nossos demônios. Como diz Black Alien: “A zona de conforto é o lugar onde os sonhos morrem, zona de conflito é onde esses covardes correm”.

Esticando os pensamentos, fico grata em ter chegado até aqui, na última página depois das referências e ainda querer me alongar, reflito bastante e num suspiro penso, talvez não tão calma como eu gostaria, mas satisfeita em saber que é um TCC de uma mulher negra e periférica se concluindo, o quanto isso é representativo na academia, principalmente de Artes Visuais e o quanto a vivência que eu trago pesou em cada página desse trabalho, em cada dor sentida, em cada anseio, em cada choro, em cada não suficiência e ainda assim na força de chegar até o fim.

Saravá minha Preta velha!  
Grata pela força e por guiar meus caminhos.